



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

JOÃO ROBSON CABRAL

O HUMANISMO EM LUDWIG FEUERBACH

FORTALEZA
2019

JOÃO ROBSON CABRAL

O HUMANISMO EM LUDWIG FEUERBACH

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia política.
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C119h Cabral, João Robson.
O humanismo em Ludwig Feuerbach / João Robson Cabral. – 2019.
83f.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas.
1. Feuerbach. 2. Razão. 3. Humanismo. I – Título.

CDD 100

JOÃO ROBSON CABRAL

O HUMANISMO EM LUDWIG FEUERBACH

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia política.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Renato Almeida de Oliveira
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Prof. Dr. José Edmar Lima Filho
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

A minha família e aos amigos do pensar.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Deus, causa primeira de todas as coisas visíveis e invisíveis. Ele que nos converte a partir da doura ignorância: “o maior inimigo do conhecimento não é a ignorância, mas a ilusão da verdade” (Stephen Willian).

Aos meus pais, meus primeiros filósofos, Manoel Rodrigues Cabral e Maria Zilma de Paulo (*in memoriam*), responsáveis direto por tudo que sou até aqui.

Ao Seminário Diocesano Imaculada Conceição e a Paróquia da Paz pela acolhida benfazeja na pessoa, respectivamente, dos padres: Eudes e Oliveira.

A Dom Vasconcelos, pelo apoio e fomento do conhecimento.

Aos professores Eduardo e Renato, pelo apoio e incentivo à pesquisa, à produção e a veiculação do saber.

Ao professor Edmar, pela gentileza e interesse em ler meu trabalho.

“Assim é o homem o Deus do homem.”

(Feuerbach)

RESUMO

O pensamento de Ludwig Feuerbach representa uma ruptura com a especulação filosófica e com a teologia racional cristã. Ambas enxergavam o homem apenas como objeto da razão, negando a sensibilidade que lhe é própria. A religião via o homem apenas perspectivado para o futuro. O corpo sem valor cedia lugar para a alma que tinha a primazia e habitaria no extramundo. A religião cristã tem como pressuposto a filosofia platônica, na qual se prega o desprezo do corpo, pois este é cárcere da alma, impedindo-a de pensar livremente, o que só seria possível noutro mundo, o das ideias. Contudo, para Feuerbach não se pode pensar o homem desintegrando-o da sensibilidade, da vontade e da razão, pois esta tríade é parte *sine qua non* constituidora da humanidade. Assim, o pensamento de Feuerbach desenvolverá um humanismo que visa recuperar o homem na sua totalidade. Neste sentido, a dissertação propõe uma abordagem teórica e crítico-reflexiva dividida em três capítulos: 1) A religião e o resgate do homem; 2) O homem e a natureza em Feuerbach e 3) O humanismo e a sensibilidade. O autor elucida como a religião cristã trata o homem sempre na perspectiva do futuro, negando ou ofuscando sua imanência. Além disso, há um resgate também do valor da natureza enquanto matriz responsável por toda existência. Assim sendo, o pensamento do autor enaltece com pujança a natureza humana que, ao contrário da religião cristã, a vê como decaída, pobre, pecaminosa. Assim, fez-se uma pesquisa bibliográfica, crítico-reflexiva, num diálogo com Feuerbach, a partir da obra: *A essência do cristianismo*, a qual serviu de base fundamental ao desenvolvimento da dissertação. Alguns comentadores serão citados a fim de endossar a temática da filosofia natural do autor. A filosofia de Feuerbach desenvolve um otimismo pelo homem, um verdadeiro tratado sobre a sensibilidade, ou seja, uma empiria antropológica que será o fio condutor da dissertação. A filosofia de Feuerbach termina por resgatar o homem em relação ao desdém da religião.

Palavras-chave: Feuerbach. Razão. Humanismo.

ABSTRACT

The thought of Ludwig Feuerbach represents a break with both the philosophical speculation and the Christian rational theology. Both see man just as an object of the reasoning, denying the sensibility of his own. The religion used to see man only under the perspective to the future. The body with no value is replaced by the soul, which had primacy and would inhabit the extra world. Christianity supposes the platonic philosophy, which defends the contempt of the body, once it is the prison of the soul that stops it think freely – some think only possible in the world of ideas. Yet, to Feuerbach it is not possible to think the man detaching from its own sensibility, will and reasoning. It happens so due to the fact that this triad is part of the *sine qua non* that constitutes humanity. Thereby, the thought of Feuerbach will further develop a humanism that aims to recover the man on its totality. In this sense, dissertation proposes a theoretical and critical-reflexive approach divided into three chapters: 1) The religion and the man's rescue; 2) The man and the nature in Feuerbach; 3) The humanism and sensibility. The author explains how christianity always treat under perspective to the future, denying or overshadowing its immanence. Besides, there is also the rescue of the value of nature as responsible matrix for all existence. So, the thought of author praises with force the human nature that, different from the Christian perspective, praises to the highest sees it sinking, poor and sinful. Finally, a critical-bibliographic research as taken in dialogue with Feuerbach's *The essence of Christianity*, fundamental basis of the present work. Some commentators will be cited in order to support the natural philosophy of author. The philosophy of Feuerbach develops a optimism toward man and a true agreement on sensibility, in other words, and anthropological empiricism that will conduct present dissertation. Feuerbach's philosophy ultimately rescues man from the contempt of religion.

Keywords: Feuerbach. Reason. Humanism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A RELIGIÃO E O RESGATE DO HOMEM.....	14
2.1	A religião cristã – objeto de investigação antropológica.....	14
2.1.1	<i>A Ressignificação das religiões naturais.....</i>	22
2.1.2	<i>Projeção e autoprojeção: redução na religião cristã.....</i>	27
3	O HOMEM E A NATUREZA EM FEUERBACH.....	30
3.1	A majestade incontestável da natureza.....	31
3.1.1	<i>Panteísmo – Deus e a natureza, objetos opostos.....</i>	38
3.1.2	<i>Sobre a existência natural.....</i>	44
4	O HUMANISMO E A SENSIBILIDADE	49
4.1	Concepção de homem e o amor.....	49
4.1.1	<i>A sensibilidade e a absolutização do homem.....</i>	58
4.1.2	<i>O homem e o dilema da finitude.....</i>	68
5	CONCLUSÃO.....	76
	REFERÊNCIAS.....	81

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata do humanismo na perspectiva de Ludwig Feuerbach, a partir da obra *A Essência do Cristianismo* (1841) (*Das Wesen des Christentums*), na qual se fundamenta a emancipação do homem em relação a religião cristã. Outras obras do autor, por exemplo, *As Preleções sobre a Essência da religião* (1851) (*Vorlesungen über das Wesen der Religion*) serão referendadas ao longo do estudo, a fim de enriquecer a pesquisa, contudo o foco principal é a obra de 1841.

O humanismo anterior a Feuerbach, em vigor durante a Idade Média, era mais enciclopédico, mais ousado, polifônico e objetivava uma ruptura com temas oriundos do teocentrismo, buscando o conhecimento em todas as ciências. Seus pensadores buscavam em documentos da filosofia antiga, árabe e egípcia, um cabedal de conhecimento que pudesse fundamentar o desenvolvimento de suas filosofias. Tal empreendimento abarcava, por exemplo, as artes: a música, a teologia e a pintura.

O pensamento de Feuerbach se dá na crítica à religião de modo geral com o objetivo de salvar o homem e a natureza, ou seja, é o resgate do homem tanto da filosofia especulativa quanto da teologia racional, o que permite Feuerbach tecer algumas considerações também às religiões pagãs ou naturalistas, ao fazer um estudo comparativo com a religião cristã, ambas tidas como supersticiosas.

Desse modo, o objetivo principal deste trabalho é apresentar o humanismo a partir da filosofia da sensibilidade¹, salvaguardando o homem e a natureza, sem a qual não é possível viver, pois no pensamento de Feuerbach, homem e natureza emergem como realidades inerentes. O pensamento de Feuerbach mostra o aspecto humanista imanente, ao mesmo tempo, presente e esquecido na religião; ele está presente quando, na religião, se percebe mais a essência humana e não a divina, mas é esquecido quando a religião transfere para o extramundo a essência humana.

No contexto alemão de seu tempo, Feuerbach rompe com a visão de mundo então predominante (filosofia idealista), marcada pelo teísmo, notadamente não mais com a mesma

¹ Por filosofia da sensibilidade chamamos o discurso de Feuerbach a partir do instante em que o autor rompe com a teologia e a filosofia especulativa e adere ao pressuposto natural para a explicação de toda a existência. Para Feuerbach a teologia não explica o que está no *extramundo*, mas o que é sensível como o próprio homem. De igual modo, a filosofia especulativa que parte do pressuposto pensamento, não pode pensar o que é real e concreto sem partir do homem pensante. Por isso, aderimos ao termo filosofia da sensibilidade a fim de explicitar toda a filosofia genético-fisiológica de Feuerbach como uma experiência que passa inevitavelmente pelos sentidos. O real é natural e o natural é real.

intensidade² do humanismo que havia na passagem da Idade média para a Modernidade. Assim, o autor propõe uma reflexão naturalista-racionalista, permitindo o resgate da essência do homem no contexto da filosofia alemã em voga, extremamente especulativa e que condicionava o pensamento ao campo absolutamente abstrato. Portanto, Feuerbach criticará o esvaziamento do homem, gerado pela religião cristã e pela filosofia especulativa, uma vez que este, ao imergir na religião se volta apuradamente à experiência teocêntrica e termina por negar sua integralidade (razão, vontade e a sensibilidade). Sua filosofia apresenta um novo paradigma, propondo um humanismo em reparação à postura de esvaziamento do homem.

Embora sendo uma fantasia e alienação, a filosofia crítica de Feuerbach demonstra que a religião termina por exteriorizar os adjetivos guardados no interior do homem, ou seja, ela faz vir à tona as qualidades inerentes ao homem, quando as vincula à divindade. Assim ocorre a análise feita por Feuerbach acerca da religião, que acaba evidenciando uma antropologia prevalecente. Dessa maneira, o trabalho mostrará o modo de pensar do autor, considerando o notável processo de humanização ofuscado pela religião cristã, buscando, então, fazer uma abordagem a qual desembocará inegavelmente na temática do humano.

Esta dissertação estrutura-se em três capítulos, a saber: Capítulo I – A religião e o resgate do homem; Capítulo II – O homem e a natureza em Feuerbach, e o Capítulo III – O humanismo e a sensibilidade. Este será o itinerário filosófico a ser percorrido, destacando o aspecto sensível, acentuado, que há na religião, mas, sem a pretensão de absolutizar a razão, em detrimento do pensamento transcendente, de modo que esta dissertação não se limita a uma depreciação do cristianismo, mas visa a averiguar a essência humana latente na religião, a partir da visão de Feuerbach.

O pensador faz uma crítica à religião no contexto do idealismo alemão-protestante e católico (cristianismo), do século XIX. Mas, é relevante destacar que de seu tempo até hoje, registram-se significativas mudanças quanto ao modo de pensar o objeto religião, principalmente se for levado em conta o pluralismo religioso presente numa sociedade secularizada e religiosa do nosso tempo.

Feuerbach elabora uma filosofia imanente, buscando um fundamento antropológico da religião, desenvolvendo assim um pensamento de fundamentação da essência humana, ou

² Dizemos assim, pois no tempo de Feuerbach (1804-1872) o teocentrismo não era mais o ponto de partida das discussões filosóficas e teológicas. No contexto alemão de Feuerbach, a Igreja não era mais a única detentora do saber como na Idade Média. Mesmo assim, conforme Schütz, “Na Alemanha da época de Feuerbach, anos 40 do século XIX, ainda persistia a estrutura feudal, juntamente, com um estado tipicamente cristão” (SCHÜTZ, 2001, p. 20).

seja, o que a religião concebe como Deus, o pensador concebe como homem, como natureza, o homem sendo resultado da natureza.

Conseqüentemente, no tempo atual, que, simultaneamente, adora e hostiliza a divindade, num período de rivalidade e intolerância religiosas, e no emergente crescimento do islamismo, por exemplo, vale a pena aventurar-se com Feuerbach na tentativa de discutir acerca do humanismo presente na religião. Daí a necessidade de afirmar que a forma de pensar de Feuerbach não é uma abordagem passageira entre o materialismo e o idealismo, pelo contrário, é um autor que elabora uma significativa reflexão inédita para seu tempo, pois:

Feuerbach soube trazer para o mundo sensível do dia-a-dia o fundamento humano de fatos e ideias que antes, eram apenas explicados pela religião ou pelo idealismo abstrato. Propôs a mostrar que a história é o processo de humanização do homem e não teodiceia. Busca o fundamento antropológico da religião. O conhecimento de Deus passa, assim, a ser o conhecimento do próprio homem. [...] realizando, neste campo, reflexões inéditas até então. (SCHÜTZ, 2001, p. 19)

Se no humanismo italiano renascentista a discussão parte do distanciamento do viés religioso predominante, para uma antropologia, com Feuerbach não será diferente: ele parte do homem natural³, indubitavelmente, mas de maneira mais livre, ilustrando que a história, e não mais a teologia explica o homem. Feuerbach tal como no renascimento parte da religião, mas para ele pensar a religião é pensar o homem. Como concorda Schütz ao afirmar que o conhecimento acerca de Deus já se configura no conhecimento do homem (SCHÜTZ, 2001).

O humanismo feuerbachiano identifica pontos negativos e positivos na religião cristã, mas sempre na perspectiva de resgatar o homem, trabalho que será feito através da denúncia a respeito de uma teologia e uma filosofia especulativas, de esvaziamento do homem. Assim sendo, vai-se esboçando seu pensamento genuinamente antropológico com pressupostos buscados na natureza, mas auxiliado pelo conhecimento religioso-luterano⁴.

Apesar das posturas intolerantes e violentas das grandes religiões monoteístas (islamismo, judaísmo e cristianismo) em evidência, será examinado apenas o cristianismo e sua essência humana, segundo o pensamento de Feuerbach, pois é no cristianismo que mais se evidencia a essência da religião (SOUZA, 1994). Inegavelmente, a religião faz parte da história

³ Quando usamos o termo *homem natural* é somente para afirmar que na filosofia de Feuerbach o homem religioso é o mesmo homem explicado antropológicamente. Ou seja, é todo homem, independentemente de religião. No pensamento do autor o homem é filho da única preexistência possível, a natureza, por isso o termo *homem natural*.

⁴ Segundo Rodrigues, Feuerbach descobre com Lutero que toda teologia é uma antropologia. “Esta tendência metodológica podia ser vista desde Lutero, principalmente através de uma cristologia. Aliás, de todos os teólogos com os quais Feuerbach se preocupou, nenhum foi mais importante para ele que Martinho Lutero, pois Lutero percebeu que a teologia é realmente antropologia”. (cf. RODRIGUES, 2009, p. 164).

de todos os povos, ela é inerente à condição humana, pois somente os humanos possuem religião, e é exatamente a religião, isto é, a consciência de si, que diferencia o homem do animal (FEUERBACH, 2009). Enquanto o homem possui a consciência, os animais possuem instinto. Esta é a diferença básica entre homem e animal: “A religião é a consciência primeira e indireta que o homem tem de si mesmo”. (FEUERBACH, 2013, 45).

Deste modo, entende-se que não existe religião sem a pessoa humana, de modo que a experiência religiosa, antes de ser do céu, é humana, e o homem em relação à divindade constrói esta experiência no plano terrestre. Portanto, a religião é feita de conteúdo humano, o que implica dizer que, para suplantá-la, será necessário destruir antes o homem, pois que a religião é intrínseca ao ser humano. Enquanto houver homens haverá religião, no sentido de que enquanto houver o homem, haverá esta antropologia inconsciente (OLIVEIRA, 1989) chamada teologia.

Evitando-se idolatrar ou execrar Feuerbach, pretende-se aqui apresentar uma visão otimista do autor quanto ao humanismo. Este humanismo é o modo como Feuerbach lida com a religião, vendo nela a consciência do homem de carne e osso, que se relaciona consigo mesmo. Logo, Feuerbach entende o cristianismo como um humanismo que suprime a divindade, principalmente quando equiparado às religiões naturalistas, as quais não apresentam um vínculo do ser humano com o mistério sobrenatural (SOUZA, 1994), mas diretamente com a natureza. Portanto, em Feuerbach, o cristianismo é um humanismo na mesma relação entre homem e a natureza e o homem consigo mesmo.

O pensamento do autor revela o quanto a religião colaborou para enaltecer o gênero humano, embora de modo inverso, pois ao pensar a divindade, a religião pensou o homem. Conforme demonstra Feuerbach, é possível perceber a sentimento humano muito evidente quando o homem está imerso em suas práticas religiosas, ali ocorre um diálogo do homem consigo mesmo (FEUERBACH, 2013). Se há Deus na religião cristã, este não é o objeto de estudo de Feuerbach, mas sim a plenipotência humana esvaziada pelo discurso teológico, pois na religião tal plenipotência é transferida para a dimensão do extramundo. Resgatar o homem é o objetivo primordial do filósofo de Bruckberg.

Portanto, será desenvolvida uma discussão filosófica e antropológica acerca da religião de modo genérico, no entanto, restrita ao cristianismo, religião-berço do autor. Será feita uma abordagem de análise crítica-construtiva quanto ao contexto religioso no mundo, entendendo que sem o homem não há religião. Segundo Feuerbach, as explicações especulativas da teologia e da filosofia são insustentáveis, pois não partem de um pressuposto concreto, mas da fantasia e de uma ideia, isto é, de conceitos vazios. Assim, Feuerbach

empreende com sua filosofia um modo de pensar mais consistente, partindo sempre de um objeto de carne e osso, o homem. A explicação das coisas deve partir de um objeto concreto captado pela razão, mas sem o abandono dos sentidos. Para Feuerbach, o discurso religioso possui conteúdo antropológico, pois que a teologia não parte da divindade para o homem, mas do homem para consigo mesmo. O Deus visto pela religião é o próprio homem com seus ricos adjetivos; a divindade existente na religião é o homem na sua mais forte expressão, ele é humano, é carne e osso, ou seja, é o próprio homem. De acordo com Feuerbach, a teologia e o discurso especulativo partem sempre dos conceitos e nunca do objeto:

Os chamados filósofos especulativos são de resto os filósofos que não formam seus conceitos conforme as coisas, mas as coisas conforme seus conceitos. Por isso é-me inteiramente indiferente se minha explicação está verbal e literalmente de acordo com os filósofos especulativos, o que me importa e que ela esteja de acordo com seu objeto, conforme a coisa. E tal é a que foi dada. (FEUERBACH, 2009, p. 38)

Assim sendo, nesta pesquisa, à luz do pensamento feuerbachiano, são apontados caminhos de reflexão para uma recondução do homem. Sua crítica leva à compreensão de que há uma supervalorização da divindade em prejuízo do homem, ou seja, ele anuncia que as religiões enaltecem com pujança a divindade abandonando e negando o ser humano na sua totalidade. Tal concepção precisa ser modificada a fim de que o humano seja recuperado.

2 A RELIGIÃO E O RESGATE DO HOMEM

O cenário que está por trás da construção do pensamento de um filósofo é muito significativo para evidenciar quais fatores contribuíram na elaboração dos seus escritos e o que o influenciou para que elaborasse sua crítica ou colaboração na história a partir do estudo de determinado objeto. Logo, um pensador não vive alheio ao tempo nem ao espaço, mas escreve a partir de determinado problema dentro de uma tradição. A começar pelo significado do seu nome, arroyo de fogo, Feuerbach, desenvolverá uma crítica ao cristianismo inquietando-se com a exaltação cuja religião dava a Deus esquecendo-se do homem. Tal postura não passa de uma fantasia, pois todos os predicados atribuídos a Deus estão no homem, o qual é empobrecido para, conseqüentemente, enriquecer o nome de Deus.

A fim de demonstrar tal realidade, dividimos este capítulo em três partes: *A religião cristã, objeto de investigação antropológica*, mostrando que toda teologia é uma antropologia. Em seguida, *A ressignificação das religiões naturais*, aqui explicitando a simpatia do autor, num primeiro momento, às religiões pagãs, e ao mesmo tempo a sua crítica à religião de modo genérico, e o significado dos termos *Projeção e auto projeção: redução na religião cristã* como tentativa de verificar como se dá esta antropologia.

2.1. A religião cristã – objeto de investigação antropológica

Inicialmente Feuerbach quis ser teólogo, oriundo de família luterana, seu primeiro pensamento foi teológico. No entanto, insatisfeito com a teologia e depois desapontado com a filosofia especulativa, passou a escrever sobre bases mais antropológicas. Conforme Chagas,

Gradualmente Feuerbach distancia-se em geral do estudo da teologia e volta-se para a filosofia [...]. Em Berlim, ele havia primeiro estudado teologia com Schleiermacher e, já em 1824, frequentava as preleções filosóficas de Hegel e as experimentava como grande libertação do estreitamento de seus estudos de teologia, razão pela qual ele trocou em 1825 a faculdade de teologia pela filosofia. (CHAGAS, 2016, p. 16)

Ao romper com a doutrina cristã, aderiu à filosofia idealista hegeliana, mais tarde terminou por se distanciar dela e aderiu ao terceiro e último pensamento – a natureza, o que permitiu desenvolver uma filosófica, antropológica, genética e fisiológica até sua morte, aos 68 anos. Portanto, Feuerbach assume a defesa do homem e sua essência frente ao esquecimento religioso. O homem é grande demais para limitar-se aos ditames da religião, isto fica evidente quando as qualidades humanas tais como: o amor, o saber e a bondade são transferidas para a esfera da abstração:

Tu crês no amor como qualidade divina, porque tu amas; tu crês que Deus é um ser sábio e bom porque não conheces nada melhor em ti do que a bondade e razão e tu crês que Deus existe, que ele é sujeito ou essência (o que existe é essência, seja designado e definido como substância, pessoa ou de qualquer outra forma) porque tu mesmo existes, porque tu mesmo és um ser. Não conheces um bem humano mais elevado do que amar, do que ser bom e sábio e da mesma forma não conheces felicidade maior do que existir, do que ser; (FEUERBACH, 2013, p. 49)

Para recuperar a sua essência, o homem terá que lutar por sua independência reconhecendo suas capacidades a partir de si, sem esperar que a religião o faça ou postergue tal reconhecimento para o pós-morte.

O cerne do humanismo feuerbachiano aparece na obra *A Essência do Cristianismo* (*Das Wesen des Christentums*) em meados do séc. XIX, no bojo da II Revolução Industrial, em 1841. No final do século, mais precisamente em 1871, eclodiu a Revolução que já vinha sendo anunciada e preparada. Após a unificação política, houve um acelerado processo de industrialização da Alemanha, ultrapassando o Reino Unido e a França, além de ter liderado com os Estados Unidos, os avanços que caracterizaram a chamada II Revolução Industrial.

A Alemanha havia se tornado, em 1871, um dos grandes mercados, resultando em uma unificação econômica, com instituição de uma moeda única, ampliando a acumulação de capital. Assim, muitas indústrias foram se concentrando nas imediações dos rios Reno e Rhur, devido à disponibilidade de grandes jazidas de carvão mineral e a facilidade de transportes. Com isso, a população que vivia no campo migrou para a cidade, constituindo importante reserva de mão-de-obra. À medida que o trabalho assalariado foi se disseminando, crescia, paralelamente, o mercado consumidor.

Além desses fatores, a França, derrotada na guerra de 1871, foi obrigada pelo Tratado de Frankfurt a ceder para a Alemanha as províncias da Alsácia e Lorena, territórios ricos em carvão e minério de ferro, e a pagar uma expressiva indenização aos alemães. É neste contexto que se desenvolve o pensamento de Feuerbach, num tempo marcado pelo crescimento econômico da Alemanha. Tendo falecido um ano após o início da II Revolução Industrial (1872), pode-se dizer que o autor escreveu em sua fase madura da vida, estabelecendo uma filosofia mais material, mais humana, mais imanente, mais prática. Passados 31 anos do lançamento de sua obra, *A Essência do Cristianismo*, eclodiria a revolução.

Embora a filosofia de Feuerbach não seja uma crítica direta às transformações sociais de seu tempo, seu pensamento se volta para uma análise da postura do gênero humano em relação à religião, especificamente a cristã, seguimento religioso tratado na obra de 1841. Todavia, a filosofia de Feuerbach não se limita a uma crítica isolada à religião, nem tampouco a especular acerca da inexistência de Deus, mas na relação da religião com o homem e vice-

versa. Feuerbach assumirá uma postura de valorização do ser humano, a partir das capacidades naturais negadas pela religião, elaborando, portanto, um discurso que converge para o resgate do homem.

O ser humano, antes de tudo, é religioso, no sentido de que a religião chega ao homem antes que a explicação lógica ou racional das coisas existentes no mundo o alcance (FEUERBACH, 2013). Basta que se observe a evolução que se deu na Antiguidade, quando, antes da explicação cosmológica da existência, predominava a explicação teogônica, com Hesíodo e Homero, vindo depois os filósofos naturalistas e seus pressupostos (água, ar, fogo, ápeiron, átomo etc) numa tentativa de explicar as coisas a partir delas mesmas e não mais pela mitologia ou através de meros conceitos.

A filosofia imanente de Feuerbach, mostra que a experiência religiosa se manifesta contraditória, pois, enaltece Deus e rebaixa o ser humano, sobretudo quando tenta legitimar o sofrimento como necessidade de passagem; a teologia cristã prega um mundo marcado pela dor, pelo pecado, pela aflição e uma remissão futurista que não será concretizada na terra, mas num plano extramundano. A partir disso, o filósofo empreenderá uma luta de inversão da lógica religiosa para a lógica humanista sensorial. Se para o cristianismo é sacrilégio negar o Criador, na filosofia feuerbachiana sacrilégio é o rebaixamento do homem, é a negação de sua humanidade.

Por que desprezar a natureza? É a primeira inquietação identificada a partir do pensamento do autor quanto a religião cristã. Feuerbach não admite uma postura religiosa que desnaturalize o homem que não o conceba como ele é naturalmente. Portanto, torna-se incoerente uma religião que prega uma ética, porém apresenta posturas antagônicas de repúdio à natureza. Na ética filosófica feuerbachiana, reivindica-se um agir desinteressado e desvinculado da divindade e do mundo futuro, ou seja, reivindica-se um agir baseado no dever e não na finalidade com interesse num extramundo longínquo referenciado pela moral teológica.

Na esteira da crítica ao idealismo alemão especulativo, Ludwig Feuerbach faz também uma objeção ao pensamento que preconizava a ideia antes do objeto. Levando-se em conta o seu racionalismo e materialismo peculiares, antes do pensamento, da ideia, deve-se enxergar o objeto e fazer a devida perscrutação; o objeto de estudo, o ponto de partida de Feuerbach é a natureza. Na ilustração da maçã, o que se percebe, através dos sentidos, antes de tudo é o objeto (a maçã), o formato, o cheiro, o sabor, a ideia do objeto vem em seguida. O

pensar vem do ser e não o ser do pensamento. Com um matiz epicurista, Feuerbach desenvolve um pressuposto sensível, ou seja, um empirismo antropológico⁵ ao longo de sua obra.

Já de há muito nos ocupamos e satisfazemos bastante com o discurso e a escrita; exigimos que finalmente a palavra se torne carne, e o espírito, matéria; estamos fartos tanto do idealismo filosófico quanto do político; agora queremos nos tornar materialistas políticos. (FEUERBACH, 2009, p. 13)

Sendo a natureza o pressuposto fundamental de explicação da totalidade, o ser em sua forma de pensar tem sua primazia, sua apoteose; o ser é a natureza. A existência das coisas e a do homem começa e termina na natureza e por ela são transformados, conforme será apresentado nos desdobramentos da dissertação.

Sua crítica à religião cristã se dá a partir do modo como a religião trata o homem ao usurpar seus valores. Nesta teoria, o homem cria os deuses e inverte a relação; os deuses passam a ser sujeito e o homem obedece aos deuses como predicado. Neste rompimento com a filosofia de seu tempo e a crítica à religião, ao escrever anonimamente *Pensamentos sobre morte e imortalidade* (1830), Feuerbach teve sua obra apreendida pelas autoridades locais. Com isso o seu pensamento foi rechaçado pela comunidade acadêmica e ele caiu no esquecimento literário, vivendo extensos e duros anos no isolamento. No entanto, segundo Feuerbach,

[...] exatamente quem passa anos na solidão, mesmo que não seja na solidão abstrata de um anacoreta ou monge cristão, mas numa solidão humana, e só se encontra em correspondência com o mundo através da escrita perde o prazer e o dom da palavra, porque existe uma enorme diferença entre a palavra oral e a escrita (FEUERBACH, 2009, p. 16).

Feuerbach foi resgatado mais tarde por Karl Marx para fazer uma crítica ao homem e o trabalho alienado na sociedade capitalista. Se em Marx a alienação se dá na relação entre o homem e os meios de produção, em Feuerbach ocorre em relação ao homem e à religião. Assim sendo, vale ressaltar desde já que sua filosofia reinterpreta e interpela a religião, não a censura simplesmente, mas pretende salvaguardar a humanidade e sua essência. Ora, mais que um crítico iconoclasta, Feuerbach, é um hermeneuta-tradutor da religião (MARTINS, 2013). “Feuerbach não quer ser um *adversário acrítico* da religião, mas pretende, outrossim, distinguir entre o verdadeiro e o falso” (SOUZA, 1994, p. 37). Ou seja, na ruptura com a religião ilusória, o propósito da filosofia de feuerbachiana é tornar o homem livre. Afirma Feuerbach:

A meta de minhas obras, assim como de minhas preleções, é: tornar os homens de teólogos, antropólogos, de teófilos, filantropos, de candidatos do além, estudantes do aquém, de servos religiosos e políticos da monarquia e da aristocracia terrestre e

⁵ Por empirismo antropológico, leia-se a intuição sensível que confere ao homem a essência imediatamente idêntica com a existência. O termo aparecerá ao longo da dissertação.

celeste, cidadãos da terra, livres e conscientes. Minha meta não é então negativa, mas positiva, nego apenas para afirmar; nego apenas a aparência fantástica da teologia e da religião, para afirmar a essência real do homem (FEUERBACH, 2009, p. 36).

Logo, a pretensão do filósofo é fazer um discurso revelador da verdadeira essência da religião cristã, a versão concreta, ou seja, antropológica da teologia. A visão que o religioso não possui ou não admite, torna-se o objeto de estudo de Feuerbach.

Na obra *A Essência do Cristianismo*, o filósofo elabora uma antropoteística⁶, isto é, ele repensa as concepções teológicas que, segundo ele, na verdade, são pensamentos e sentimentos humanos, contudo atribuídos à divindade cristã. Há, na doutrina cristã, um misto de antropologia com teologia, duas ciências que homogeneamente e simultaneamente descrevem o homem. Neste sentido, Feuerbach demonstra uma real preocupação com o homem enquanto indivíduo e gênero, sobretudo porque a religião o menospreza e o desnaturaliza ao transpor suas características (qualidades, valores e sentimentos) para Deus. Feuerbach enxergará a religião como o resultado das carências humanas, como uma negação da legítima essência do homem.

Frente a isso, o filósofo de Bruckberg postula uma inversão de valores: se na teologia da criação Deus fez o homem a sua imagem e semelhança, no seu modo de pensar, o homem cria a divindade, pela imaginação, e transporta para o extramundo os valores e características essenciais do seu gênero. Dito doutro modo, é como se a religião representasse, portanto, a fase ingênua da humanidade a ser descoberta no futuro. Segundo Brandão,

[...] um dia o homem descobrirá que ele adorou a sua própria essência, que criou em sua fantasia um ser semelhante a si, mas infinitamente mais perfeito, que está sempre pronto para lhe oferecer consolo no sofrimento e proteção nos momentos mais difíceis e angustiantes da existência. (BRANDÃO, 2013, p. 9)

A crítica de Feuerbach vai sendo construída sob a transferência que o cristianismo faz do bem-estar da humanidade para um mundo criado pela imaginação. Ele responsabiliza a religião de ser a mentora deste modo de pensar e agir do homem. De fato, a religião influencia no modo de pensar e agir das pessoas de maneira muito convincente, dominante, pois o extraordinário e o desconhecido exercem um fascínio, tal mecanismo é intrínseco às religiões. O homem gera uma dependência naquilo que ele diviniza, isto fica muito claro na exposição acerca das religiões naturalistas, a seguir.

O homem deseja obter saber e encontra apoio no mundo físico, tendo a natureza para atender a demanda de vontades quanto ao conhecimento, conforme postula Aristóteles

⁶ O termo é a junção de antropologia e teologia para explicitar uma teologia que não revela a divindade, pelo contrário se propõe a tal feito, mas termina por evidenciar o homem, por isso traz uma versão falsa da religião.

logo no início de sua *Metafísica*: “Todos os homens têm desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer das sensações⁷, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas [...]” (ARISTÓTELES, 1979, p. 11). O homem possui essa forte inclinação para buscar o saber, o conhecimento, e isso se dá através das sensações, o que reforça o pensamento de Feuerbach.

Todas as coisas existentes são formadas pela natureza, são feitas de átomos, os quais não são captados pelos órgãos sensoriais, mas pela razão, diferente do vento que, embora invisível aos olhos, é captado pelos demais sentidos. Em toda a filosofia naturalista antiga, como em Demócrito e Epicuro, os átomos são reconhecidamente constituidores da natureza, seja ela qual for. Assim sendo, o pensamento de Feuerbach, racionalista-materialista⁸, paulatinamente, vai-se estruturando numa evidente reverência à mãe natureza.

A natureza é causa de si, desvinculada da divindade, logo autônoma e sem uma causa anterior. Nesta perspectiva tudo começa, se desenvolve e termina na natureza, pois que as concepções da filosofia naturalista respaldam a origem fundamental da existência sem uma preexistência. Contudo, há, naturalmente, uma inquietação humana em busca de uma causa máxima para toda a existência, mas esta não é a preocupação de Feuerbach, mas a recorrente preocupação com o gênero humano. Segundo ele, essa preocupação é constantemente desviada pela experiência errônea e fantasiosa das religiões.

Para Feuerbach, o discurso teológico do cristianismo não passa de um discurso antropológico, pois a revelação anunciada pela religião não é de Deus para o homem, mas do homem para consigo mesmo, do diálogo do eu com o tu⁹.

Aos poucos, a filosofia de Feuerbach vai se desenvolvendo como meta absoluta de exaltação do homem pelo homem sem o suporte da religião. Para ele, o potencial é humano e não divino, motivo pelo qual aponta caminhos de reflexão para uma valorização do humano em relação à divindade. Na crítica do autor, há na religião uma supervalorização da divindade em prejuízo do homem, ou seja, as religiões enaltecem com pujança a divindade abandonando e negando o ser humano na sua totalidade.

Ele desenvolve sua antropológica, convencido de que o homem religioso de seu tempo estava mergulhado em conjecturas que pareciam reais, mas que sucumbiam na fantasia.

⁷ Recorremos a Aristóteles a fim de corroborar o pensamento de Feuerbach no que diz respeito ao conhecimento a partir do objeto, da coisa em si, a partir da matéria, da sensação.

⁸ Utilizamos o termo racionalista-materialista no sentido de que Feuerbach, ao desenvolver uma crítica à religião, acusando-a de abstrata e fantasiosa, por não valorizar a comunidade humana, mas vislumbrar um extramundo, parte daquilo que é sensível sem abandonar o pressuposto racional, pois não existe filosofia sem o recurso da razão. Para Feuerbach o pensar vem do ser, logo, o pensador agrega matéria e razão.

⁹ O “eu” e o “tu” de Feuerbach se referem às características intersubjetivas do homem. O homem se relaciona consigo mesmo (indivíduo), mas também com o outro de sua espécie (gênero).

Deste modo, o homem não se emancipava, mas permanecia preso as suas alienações, o que desembocava numa desnaturalização, objeto do terceiro capítulo da dissertação. Nesta parte o autor se debruçará com exaustão acerca da naturalidade e da sensibilidade do homem, desvinculando-o completamente da divindade.

Feuerbach, desprendendo-se completamente da categoria e da vivência da fé, isto é, da teoria, da doutrina e da prática da fé, propõe, então, um homem emancipado, distanciado do alcance religioso cristão, agora voltado ao uso da razão e da sensibilidade em contraponto a teologia apenas racional que nega os sentimentos humanos. Para este pensador da religião, a teologia e a filosofia são inconciliáveis; há uma barreira entre as duas: o que pertence a uma não diz respeito a outra. Feuerbach rejeita a teologia racional e a especulação filosófica, pois ambas esvaziam o homem por descartar o aspecto da sensibilidade. De acordo com Zilles, “[...] razão e fé, filosofia e teologia, iluminismo e cristianismo são inconciliáveis. Quando Hegel afirma que a consciência do homem sobre Deus é a autoconsciência de Deus, Feuerbach responde que o ser absoluto, o Deus dos homens é o ser próprio” (ZILLES, 1990, p. 104)

A crítica de Feuerbach se concentra na negação plena da natureza e do homem pela religião. Se a tradição platônica negou, desprezou o corpo na busca da preservação do pensamento puro sem os enganos dos sentidos, a filosofia de Feuerbach exalta o corpo e a natureza na intenção de preservar o homem, devolvendo-lhe a consciência roubada, para isso é imprescindível o abandono do modo de pensar da religião e da tradição platônica, pelo menos quanto ao postulado no *Fédon*¹⁰. Platão defende que:

[...] quando se trata de adquirir verdadeiramente a sabedoria, é ou não o corpo um entrave se na investigação lhe pedimos auxílio? [...] acaso alguma verdade é transmitida aos homens por intermédio da vista ou do ouvido [...] e que não vemos nem ouvimos com clareza? [...]. Quando é, pois, que a alma atinge a verdade? Temos dum lado que, quando ela, deseja investigar com a ajuda do corpo qualquer questão que seja, o corpo, é claro, a engana radicalmente [...] E, sem dúvida alguma ela raciocina melhor quando nenhum empeco lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo dum prazer – mas sim quando se isola o mais que pode em si mesma, abandonando o corpo à sua sorte [...]. (PLATÃO, 1972, p. 72 (65b-c))

Se a relação homem e natureza, defendida com todas as forças por Feuerbach, é substancial, a relação homem e religião é, indubitavelmente, uma trama tão forte quanto aquela, sendo impossível separar as duas partes, uma vez que o homem antes de ser *sapiens é o homo*

¹⁰ Citamos a obra de Platão, *Fédon*, a fim de ilustrar o mecanismo de funcionamento da religião cristã, alvo da crítica antropológica de Feuerbach. O trecho da obra revela como o cristianismo sofreu forte influência da filosofia platônica quanto ao abandono da sensibilidade. Enquanto Platão postulou o mundo das ideias, a religião elaborou o que Feuerbach chamou de *extramundo*.

*religiosus*¹¹, pois “Tudo que, num período posterior ou num povo culto, é atribuído à natureza ou à razão, é num período anterior e num povo ainda inculto atribuído a Deus” (FEUERBACH 2013, p. 60). Antes da argumentação racional, as teogonias, os mitos, as epopeias gregas buscavam, através da alegoria, a explicação para a existência do mundo. Basta ver a tradição grega estampada em Homero e Hesíodo e no mito raciocinado de Platão (*Timeu*) para explicitar a origem do mundo e do homem. Há nestas obras não só razão, mas, sobretudo poesia, imaginação. Contudo, Feuerbach aposta na superação desta tradição a fim de que o homem se desprenda da fantasia religiosa através do uso correto da consciência.

O pensamento de Feuerbach não é um ponto fechado, acabado, insuperável, mas apenas outra maneira de estudar a religião, como tantas no universo filosófico da religião. Mesmo com a fundamental reação dos filósofos naturalistas aos mitos, a visão de mundo ainda é permeada, ora pela razão – explicação das coisas por elas mesmas, ora pela crença na divindade, no entanto, “Quanto ao Deus como criador do universo, como princípio causal e final, Feuerbach explica como sendo um produto da limitação da nossa ciência”. (BRANDÃO, 2009, p. 9).

A trama homem-religião surge entrelaçada desde a origem e as religiões naturais são a melhor ilustração dessa realidade: na mitologia grega, os deuses manifestavam sentimentos humanos e as forças da natureza. O que nos faz compreender que, mais do que a religião, Feuerbach faz oposição ao discurso religioso, ou seja, à teologia especificamente, pois na religião se vislumbra sempre o homem, no sentido de que tudo que se atribui à divindade se refere diretamente ao homem. Mas, em toda parte a religião precede à filosofia, seja na história da humanidade, seja na história do indivíduo (FEUERBACH, 2013).

Compreende-se, pois, nesta perspectiva de resgate do ser humano, que quanto mais a reflexão se debruça sobre o problema Deus, mais evidente fica o homem; quanto mais teologia, mais se faz antropologia; homem e religião formam a mesma unidade. Ao investigar a religião, o pensador se depara sempre com o homem. Verifica-se, pois, como acima, que, apesar da contribuição dos filósofos naturalistas, construindo uma passagem do mito, da alegoria para o discurso racional, a religião sobrevive, isto é, o homem sobrevive com sua imaginação, sentimento e consciência. Discuta-se sobre religião e, sem escapatória, o homem aparecerá como essência. Criticando como fantasia ou aceitando-a como plausível, negando ou afirmando a religião, o homem estará sempre em evidência.

¹¹ No sentido de que antes que as coisas fossem explicadas pela razão, isto é, por aquilo que elas são em si e não por conceitos atribuídos, a mitologia tentava elaborar uma explicação das coisas existentes. Foi assim até a evolução da explicação mitológica para a explicação cosmológica feita pelos filósofos naturalistas.

O conceito de Deus elaborado pela teologia cristã termina sendo a opinião meramente humana; tudo o que se postula acerca da ideia de divindade e do extramundo é resultado do pensamento humano, logo a teologia põe Deus no lugar do homem, mas Feuerbach devolve ao homem seu pensamento antropológico, isto é, dissolve a teologia. Deus não é um ser diferente do homem, pelo contrário, é o próprio homem espelhado, pois “a ideia de um outro em geral, de um essencialmente outro, só surge através da ideia de um outro igual a mim quanto à essência” (FEUERBACH, 2013, p.104).

Quanto mais a religião nega a natureza, tanto mais fica evidente o menosprezo pela condição humana. Quanto mais o homem adere à religião mais ele se esvazia. Contudo, a partir da postura de negação do homem, pela religião, surge uma valorização das qualidades humanas através da filosofia de Feuerbach, pois quando a religião enumera qualidades excelsas para a divindade é porque na realidade tais qualidades são oriundas do interior do homem.

Neste sentido é que se acentua a crítica de Feuerbach à religião e, conseqüentemente, a busca de resgate do ser humano. Transferir valores, sentimentos humanos para a divindade, significa desdenhar o gênero humano, desprezá-lo por ser precário e limitado. Portanto, de modo insistente, o filósofo afirma que falta clareza na teologia, pois a pretensa essência religiosa não é divina, como faz parecer à primeira vista no título da obra aqui explicitada - *A essência do cristianismo*. O homem, este sim, com seu pensamento, vontade e sentimento é a essência verdadeira, a teologia é reduzida a uma antropologia. A essência religiosa não é divina, mas humana, não é do céu, mas da terra. O resgate da essência humana usurpada pela religião dar-se-á na substituição do espiritual pelo material: “Para o lugar da fé, entrou a descrença; para o lugar da Bíblia, a razão; para o lugar da religião e da igreja, a política; a terra substituiu o céu, o trabalho substituiu a oração, a necessidade material o inferno, o homem o cristão”. (FEUERBACH, 1998, p.16).

2.1.1 A Ressignificação das religiões naturais

A religião, assim como a arte, é patrimônio natural do homem, ela é parte da existência humana tal como é “o sexo, a cor da pele, os membros, a linguagem” (ALVES, 2003, p.11). Tal modo de pensar é semelhante ao de Karen Armstrong, para quem toda religião passa pela humanidade, pela cultura e, conseqüentemente, pela antropologia no sentido de que o estudo do ser humano passa pela experiência religiosa, inevitavelmente. Conforme Armstrong:

Homens e mulheres começaram a adorar deuses assim que se tornaram reconhecivelmente humanos; criaram religiões ao mesmo tempo que criaram obras de arte. E não só porque desejavam propiciar forças poderosas; essas crenças primitivas exprimiam a complexidade e o mistério que parecem um componente essencial da experiência humana deste mundo pelo mais aterrorizante. Como a arte, a religião constituiu uma tentativa de encontrar sentido e valor na vida, apesar do sofrimento da carne. (ARMSTRONG, 2008, p. 8)

Considerando que toda religião passa pela experiência humana e que o aspecto cultural lhe é inerente, para com as religiões naturais ou pagãs Feuerbach manifesta, pelo menos em primeira mão, certa simpatia e assume isso por vê-las até mais plausíveis que o cristianismo, embora reconhecendo nelas uma superstição. Nas religiões pagãs, a adoração é por aquilo que existe, pelo que é real, concreto e natural, enquanto na religião cristã o homem adora a fantasia. No entanto, mesmo nas religiões pagãs, o homem religioso, embora personificando a divindade, por exemplo o cão, como fazem os persas, faz da divindade uma experiência diferenciada, pois o cão é especial, é o outro. Assim, o homem permanece estranho à divindade e vice-versa.

Feuerbach é simpatizante das religiões naturais “Eu mesmo, não obstante ateu, confesso-me francamente pela religião no sentido indicado, pela religião da natureza” (FEUERBACH, 2009, p. 49). É perceptível que nas religiões naturalistas, embora os entes sejam especiais, eles não são merecedores de adoração como no cristianismo. Mas, de igual modo, úteis em relação às necessidades do crente. Todavia, o autor reconhece que, em ambas as experiências há superstição à medida que lhes falta o uso necessário da consciência. O homem é dado às superstições naturalmente, afirma Feuerbach, e é também nestes termos que ele afirma que o homem é antes de tudo religioso. “[...] também a religião da natureza não é livre de superstições, porque naturalmente, isto é, sem cultura e experiência, são todos os homens dados a superstição, como bem observa Spinoza.” (FEUERBACH, 2009, p. 50).

Nas religiões pagãs não há divindade, mas veneração pelo sagrado o qual é visível e tocável como a natureza, é o caso do cão e do rato:

[...] era o cão para os persas, que inicialmente viviam da criação de gado, a mais importante proteção na luta contra os animais arimânicos, isto é, contra lobos e outros animais de rapina, e por isso era punido com a morte quem matava um cão ou uma cadela prenhe. Os egípcios não precisavam temer em sua agricultura nem lobos, nem outros animais de rapina. Os ratos eram para eles os instrumentos do *typhon* que os prejudicavam, por isso tinha o gato para eles a mesma importância que o cão para os zends. (FEUERBACH, 2009, p. 63)

Nas religiões pagãs ou naturais, há um respeito pelos animais de tal modo que a ofensa a um deles gera punição severa, como é o caso do cão para os persas e do gato para os egípcios. A veneração a estes animais se dá em relação ao que eles representavam, de acordo com o que protegiam, como por exemplo, do ataque de lobos e outros predadores. O cachorro,

por prestar relevante serviço, é respeitado e tido como objeto de reverência religiosa pelos persas. Ele protege o patrimônio daqueles povos, sua sobrevivência é salvaguardada pelo instinto de proteção do cão, o qual reconhece o que pertence ao dono. Neste sentido, o que impulsiona os persas a divinizarem o cão, não é o animal em si, mas talvez a sua ação, seu instinto de oferecer proteção ao homem; não a divindade que nele se esconde, mas a teleologia que se faz em relação ao cão e que gera uma relação de dependência: os criadores do rebanho precisam do cão e o cão precisa da adoração dos criadores para permanecer sendo sagrado. Ou seja, no fim das contas, o cão é adorado pela utilidade que tem e pela necessidade do homem. Por isso, a morte de um cachorro representará perdas não só afetivas, mas, sobretudo econômicas para os criadores de gado, por exemplo.

Portanto, em última análise, o que faz os persas vincularem o cão à sacralidade é muito mais a dependência àquele animal do que o reconhecimento de um suposto poder extraordinário. O cão é sagrado não simplesmente por ser cão, mas pelo que faz. Reitera-se: isso explica a dependência humana pelo cão, guardião do precioso rebanho. Sem cão não há rebanho, sem rebanho não há recursos nem economia, o que está em jogo, então, é a sobrevivência porque os persas dependem do cão para manter o rebanho. Assim, nas religiões pagãs, o rebanho depende do cão e este depende de seu proprietário para sobreviver. Enquanto for guardião do rebanho será alimentado. Há aqui uma recíproca dependência: homem-cão e cão-homem.

Na religião cristã, o homem depende de Deus e Deus do homem. O homem mantém Deus, que lhe confere a imortalidade, e Deus só existe porque há o religioso para adorá-lo, uma vez que este o salvou das garras da morte. No plano das religiões naturalistas o cão é real e o dono do rebanho também, mas na religião cristã, afirma Feuerbach, “As coisas [...] existem porque são pensadas e desejadas” (FEUERBACH, 2009, p.136). Ou seja, existem porque são desejadas, mas não existem concretamente. Portanto, o homem e o cão existem, enquanto natureza, e não divindade concebida como seria no cristianismo. Nas religiões pagãs as coisas são reverenciadas por aquilo que elas são, há nelas uma representação como, por exemplo, a guarda, a proteção, o que gera dependência do homem ao animal e vice-versa. Contudo, nas religiões monoteístas adora-se o que se supõe existir, o que não é natural, gerando um significado abstrato. O cão e o gato, diferentemente, do Deus do cristianismo, existem, são natureza.

A mesma experiência se dá pela adoração do fogo. O fogo não é uma divindade, o fogo do Olimpo não existe, o real é o fogo provocado a partir do calor entre corpos da natureza. O fogo é revestido de divindade pelo homem vulnerável a todo tipo de ameaça natural como,

por exemplo, os predadores, o frio e a necessidade de cozinhar os alimentos. Exatamente devido a tal necessidade é que o fogo, ainda desconhecido, passou a ser reverenciado pelo homem pré-histórico. O homem cuidava do fogo para que este mantivesse a proteção em relação aos predadores bem como a maciez dos alimentos, o que revela uma relação natural de dependência recíproca.

Três experiências são comuns na história da humanidade: a religião, o casamento e o sepultamento dos mortos. O que Feuerbach traz alusivo às religiões pagãs é apenas um recorte do valor cultural presente na história do homem no que diz respeito à religião. Ao expor o rito das religiões naturalistas, é notória uma significativa percepção do filósofo do aspecto cultural que salta aos olhos na experiência religiosa humana. A religião, indubitavelmente, tem seu nascedouro na cultura dos povos. Karem Armstrong, pesquisadora da história da religião, reconhece que o homem é concomitantemente sapiens e religioso, ou seja, o homem pensante é também o homem religioso.

De fato, há motivo para afirmar que o *Homo sapiens* é também o *Homo religiosus*. [...] Como qualquer outra atividade humana, a religião pode sofrer abusos – os quais, ao que tudo indica, sempre ocorreram. Ela não foi imposta a uma natureza primordialmente secular por reis e sacerdotes manipuladores, mas é inerente à humanidade. Nosso secularismo atual é uma experiência inteiramente nova, sem precedentes na história. [...] O próprio humanismo é uma religião sem Deus – nem todas as religiões são teístas. (ARMSTRONG, 2000, p.8)

A religião, seja ela pagã ou monoteísta, tem para o homem crente a sua divindade ou a sua representação como “[...] a realidade mais importante do mundo” (ARMSTRONG, 2008, p. 9). Assim, compreende-se que a religião é a comunicação do homem, ser finito, consigo mesmo e é a comunicação do gênero-humano, ser infinito com a comunidade humana agindo politicamente.

Ao expor o modo como cada crença lida com suas divindades, o filósofo alemão ensina acerca da riqueza da natureza que, ao gerar a dependência no homem, gera semelhante e simultaneamente a sacralidade. E qual a sacralidade mais plausível? Não se trata de analisar isto, mas de perceber que a religião de modo geral, não só a cristã, passa pelo viés da cultura. Enquanto o homem religioso cultua a divindade enquanto causa ou origem das coisas, Feuerbach apresenta como fundamento de toda a existência a natureza e suas riquezas. O crítico da religião cristã nasceu e foi formado pela cultura alemã-cristã e luterana. O que ele sabe sobre Deus, sobre ritos, proibições, regras de vida, sacramentos e valores morais, indubitavelmente os herdou da cultura religiosa na qual esteve imerso em sua fase religiosa, quando desejou ser pastor em Heidelberg, conforme o prefácio da segunda edição da obra *A essência do Cristianismo* (1841).

Diante disso, é imprescindível afirmar que a luta de Feuerbach em legitimar toda a existência tendo como pressuposto a natureza não foi tarefa fácil, basta ver o seu afastamento da academia em 1830. Ele abre mão de convicções religiosas do passado e adere, paulatinamente, à filosofia até aderir definitivamente ao discurso de predileção pela natureza e o humanismo.

A religião tem seu alicerce na cultura dos povos algo que é intrínseco e o próprio autor reconhece que o discurso religioso chega ao homem bem antes da explicação racional. Tal postura explica, por exemplo, porque um muçulmano, que reverencia Alá, só o faz porque nasceu num território e contexto alicerçados no islamismo; em hipótese alguma, um islâmico de nascimento, de formação e praticante, professará o cristianismo. Ele nasceu islâmico e vive numa comunidade legitimada pelo alcorão, seu livro de referência, sua dependência, sua fidelidade. De igual modo, um judeu, seja qual for a circunstância, jamais professará o islamismo. Ele nasceu judeu e vive a doutrina da Torá, irrenunciavelmente. Isso explica porque o islâmico precisa do livro sagrado para viver, é um modo de aplacar a dor da morte, algo que ele não consegue fazer usando a Bíblia, o livro dos Vedas, ou a Torá, por exemplo, mas somente com o livro adotado por sua tradição e cultura religiosa. Percebe-se, então uma fidelidade alicerçada na cultura humana religiosa.

Toda a filosofia de Feuerbach é uma reação ao modo como a experiência religiosa cristã, principalmente, concebe o gênero humano, deixando em segundo plano o aspecto natural das coisas. Seu apreço às religiões naturais se deve à maior plausibilidade do culto à natureza, praticado por elas, em relação ao Deus adorado pelos cristãos. Conceber as coisas como elas são e não como elas poderiam ser – é outra reivindicação relevante do ex-luterano. Seu modo de pensar insiste em afirmar que a religião cristã criou uma fantasia ao gestar e engendrar um extramundo, lugar de compensação para quem não admite as condições inevitáveis do sofrimento e da morte.

Feuerbach desenvolve sua filosofia através do que é sensível e pensante. O que está para além da física lhe causa desconforto. Pois, na sua perspectiva, o extramundo não tem plausibilidade. Ele prefere não investigar e nem poderia, pois o extramundo não é corpóreo. Por isso, após a morte, não há o que viver nem o que esperar. A vida encerra-se na finitude, na natureza. Sem precisar do extramundo, na filosofia da sensibilidade de Feuerbach, o homem já se eternizou do ponto de vista da produção e partilha do saber, da historicização etc. Os predicados ditos divinos que caracterizam o homem, apresentados pelo filósofo alemão, completam o homem e a vida que, para Feuerbach, é unicamente a terrena.

A morte (Tod) da vida sensível, biológica, que aparece na fé da religião cristã como oposição à vida, tem, para o jovem Feuerbach, um significado criador, pois ela não é um fim fático, mas pelo contrário, a passagem para o todo inseparável. A morte, o limite da vida natural, é, pois, uma submersão em Deus, isto é, uma volta para a fonte, já que todos os indivíduos finitos já estavam antes submergidos em Deus. (CHAGAS, 2009, p. 41)

Feuerbach vê a morte, assim como o cristão, enquanto passagem. A notável diferença é que, para o homem religioso, a morte é uma passagem para a outra vida, para o além, para a vida eterna, para um reencontro com Deus. Enquanto que, para Feuerbach, é a passagem para o todo inseparável, ou seja, é o eterno vincular-se a natureza. Na concepção feuerbachiana o homem nasce da natureza e para a natureza volta, e deste modo o homem será imortalizado. Enquanto natureza, o homem será imortalizado, uma imortalidade que se dá pela imersão na natureza, pela história, pela produção e partilha do saber.

2.1.2 Projeção¹² e auto projeção: redução na religião cristã

Aqui é válido explicitar os termos, projeção e auto projeção na tentativa de verificar com mais precisão a crítica de Feuerbach ao cristianismo. Segundo Souza (1994), o termo adequado ao pensamento de Feuerbach é redução, pois o filósofo em estudo afirma que a teologia é uma antropologia, todos os adjetivos ditos de Deus, na realidade são inerentes à condição humana. Deste modo, fica claro que os atributos divinos deixam de ser como tais e voltam a ser humanos, logo reduzidos à antropologia. Considerando que projetar é buscar fora, o homem religioso busca fora o que, supostamente, não possui (concepção cristã). Então, o homem tem a necessidade de possuir tais atributos e busca na divindade. Ou então, já os possui, mas não os percebe, portanto, busca, inconscientemente, fora o que já é inerente a sua constituição natural, a sua essência. Se busca fora, isto se chama projeção, pois ver no outro (divindade) o que transborda em si. Mas, se busca fora o que possui em si, isto se chama auto projeção, pois o homem lança para fora do seu interior sua verdadeira essência, o que lhe é próprio. Por isso reiteramos o otimismo de Feuerbach, pois o autor ver no homem muitos adjetivos negados pela teologia. Para Feuerbach o homem é integral enquanto para a concepção

¹² Há controvérsias a respeito do termo *projeção*. Aqui o principal objetivo é explicitá-lo melhor a fim de justificar como mais plausível o termo *redução*. Segundo Draiton o termo mais fiel à filosofia de Feuerbach é redução: “É interessante notar que a concepção de Feuerbach a respeito de Deus é considerada comumente como *projeção*. Segundo G. Amengual, porém, Feuerbach nunca utilizou este termo, que teria sido produzido por E. v. Hartmann, em sua obra *História da Metafísica (Geschichte der Metaphysik)*, como caracterização da teoria feuerbachiana da religião. Segundo Amengual ainda, “em sua primeira intenção (e até terminologicamente mais fiel) a crítica da religião de Feuerbach deveria definir-se como redução”. (cf. GONZAGA, 1994, p. 33)

religiosa, ele é carente e cheio de precariedades, pois a religião julga que somente Deus é bom, quanto ao homem este é perverso e corrompido (FEUERBACH, 2013).

Contudo, a bondade de Deus, antes é a bondade do próprio homem; a infinitude de Deus antes é a infinitude do homem; a plenipotência divina, antes é a plenipotência humana. De fato, Feuerbach é um pensador otimista que não espera a vinda do extramundo, a fim de desfrutar daquilo que o homem já o é. Conforme Souza,

Feuerbach operará, em sua crítica religiosa, a redução da teologia à antropologia. Este intuito redutor fica bem caracterizado pela frequência com que utiliza, em sua obra, a expressão “nada mais é do que” (*ist nichts andres als*). Tudo aquilo que parece ser divino nada mais é do que algo simplesmente humano. (SOUZA, 1994, p. 32-33)

Ao buscar suas qualidades na divindade o homem se anula. Porém, na perspectiva da religião cristã, há no homem mais vícios e quase nada de virtudes. Contudo, a perspectiva de Feuerbach se sustenta enquanto antropológica, pois a projeção se dá pela imaginação e desejo do homem. Por isso, conserva-se o termo redução no sentido de que a teologia reduz tudo à divindade, mas Feuerbach reconduz o homem à sua essência. Mas, essa relação entre projeção e auto projeção, isto é, a redução, demonstra o efeito positivo e negativo da religião na filosofia feuerbachiana. Conforme Schütz:

[...] Feuerbach, não via na religião aspectos apenas negativos, mas também positivos. Se, por um lado ela era ilusão, por outro ela revelava uma capacidade humana, revelava uma potencialidade inerente à própria humanidade. [...] o fato de o homem ter consciência de sua própria espécie, do seu ser genérico, faz dele um ser especial e distinto dos animais. (SCHÜTZ, 2001, p. 14)

Na concepção feuerbachiana o homem é rico de adjetivos, porém transfere para Deus suas riquezas, pois seria contraditório adorar ou seguir um ser vazio, sem predicados; o homem rico torna-se pobre para enriquecer Deus. Mas este Deus reconhecido é o próprio homem que se esvazia. Então, quem é rico de qualidades é o homem e não a divindade, deste modo, torna-se claro que “a religião é o relacionamento do homem com a sua própria essência” (FEUERBACH, 2013, p. 203), ou seja, aquilo cujo homem deseja possuir, na realidade, já possui. O homem busca fora o que supostamente não possui em si, mas em seu interior é abundante.

Portanto, Feuerbach desenvolve uma antropologia extraordinária. Demonstra o homem seja negando, seja afirmando suas características essenciais. Seja transferindo para Deus o que se é ou buscando Nele o que se deseja. Logo o espectro do homem vai, paulatinamente, sendo resgatado no pensamento do filósofo alemão, que o manifesta no aquém as nobres características. Se ele não possui todos esses adjetivos no aquém (perspectiva cristã),

na perspectiva feuerbachiana ele já os possui, o que é suficientemente relevante para valorizar o gênero humano.

3 O HOMEM E A NATUREZA EM FEUERBACH

Feita a abordagem acerca da relação homem e religião, compreendendo que todas as vezes que se fala em religião, em Feuerbach, deve-se pensar o homem, pois tudo que a religião afirma como divino, está implicado no homem, deste ponto em diante, será demonstrada a concepção de natureza e, conseqüentemente, o seu resgate enquanto preexistência do homem.

O autor apresenta uma filosofia que, para explicar a existência não parte do pensamento, mas do ser. Resgatar o homem é recuperar aquilo que é natural concreto, palpável e este homem é filho antes de tudo da natureza. Para Feuerbach, o pressuposto que justifica toda a existência é a natureza. Nesta perspectiva, três passos são significativos, a saber: *A majestade incontestável da natureza*, apresentando o valor da natureza enquanto elemento de sustentação do homem; *Panteísmo – Deus e a natureza, objetos opostos*, onde Feuerbach explicita a diferença entre a divindade e a natureza. E, na última parte deste capítulo tratamos o subtema intitulado *Sobre a existência natural*, momento em que o autor apresenta o homem como produto da natureza.

Feuerbach se dedica a separar a natureza da especulação, seja filosófica, seja teológica, demonstrando que ela, enquanto causa de si, é autônoma e incriada. Entretanto, o conceito de natureza pode ser extraído a partir de recortes do pensamento do autor nas suas diversas obras.

“Feuerbach não desenvolve aqui nenhuma teoria da natureza, mas a apresenta indiretamente, para defendê-la contra a atitude cristã frente a ela. Feuerbach deixa claro que a teologia cristã se relaciona negativamente perante a natureza” (CHAGAS, 2016, p.72).

Não só quando faz a crítica à religião, mas ao enaltecer a natureza enquanto mãe da existência, trabalho que rendeu muito esforço a seus comentadores. Nestes recortes, é perceptível a elaboração do referido conceito, que assim pode ser apresentado:

[A natureza] é uma verdade dada aos sentidos, ela não é um produto nem da atividade de um puro eu, do desenvolvimento do espírito, nem do ato arbitrário de um Deus fictício, sobrenatural, mas pelo contrário, uma essência autônoma que existe independentemente da consciência humana. [...] A natureza é [...] a unidade da diversidade das coisas que são concretas; [...] fora dela nada tem existência real, a não ser pensamentos e representações. [...] a natureza é incriada, eterna, não deduzível; ela é em si mesma e não por meio de outra essência. (CHAGAS, 2016, p. 64-65; 85)

Ainda nas entrelinhas da filosofia da sensibilidade, pode-se compreender a natureza como o conjunto complexo de causas e efeitos harmoniosos, é a unidade orgânica enquanto

pressuposto imprescindível para os fenômenos para todas as criaturas, plantas e animais. Antes da natureza não nenhuma força humana ou divina. Segundo Chagas,

A natureza para ele sempre existiu, quer dizer, ela existe por si e tem seu sentido apenas em si mesma; ela é ela mesma, ou seja, nenhuma essência mística, pois por trás dela não se oculta nem se esconde nada humano, nada divino nenhum *absolutum* transcendental ou ideal. (CHAGAS, 2016, p. 77).

O processo de desconstrução da teologia e sua transformação em fisiologia, sobretudo na *Essência do Cristianismo*, serviu de base para a compreensão da necessidade de reconhecer o poder gerador da natureza. Enquanto na obra de 1841 o pensador elabora a crítica à religião que manifesta uma negação sobre a natureza, é nas *Preleções sobre a Essência da Religião (Vorlesungen über das Wesen der Religion)* (1851) que o autor apresenta um discurso mais direcionado à natureza enquanto fonte e sustento do homem. Feuerbach desenvolve um pensamento que desembocará inevitavelmente na natureza hostilizada pelo homem religioso que não reconhece ou que nega toda a majestade da natureza (CHAGAS, 2005).

Ademais, Feuerbach elabora em diferentes momentos de seus escritos, pelos menos nas obras acima citadas, uma versão ecológica de sua filosofia, exaltando a natureza como extremamente necessária para a sobrevivência humana, ao mesmo tempo em que censura o abandono do idealismo alemão pela matéria:

Odeio o idealismo que arranca o homem à natureza; não me envergonho de depender da natureza; confesso abertamente que as influências da natureza não só afetam minha superfície, minha pele, meu corpo, mas também meu âmagô, meu íntimo, que o ar que respiro em bom tempo atua benéficamente não somente sobre meu pulmão, mas também sobre minha cabeça, a luz do sol não só ilumina meus olhos, mas também meu espírito e meu coração (FEUERBACH, 2009, p. 49).

A natureza como a responsável pela manutenção humana, tem sido desprezada pela especulação filosófica e pela teologia com seus conceitos apenas racionais. Na filosofia de Feuerbach é imprescindível pensar o homem a partir de seu pressuposto fundamental, isto é, da natureza.

3.1 A majestade incontestável da natureza

Feuerbach critica a religião que não reconhece ou nega a natureza, partindo do pressuposto de que a natureza é visível, palpável e existe realmente seja para o homem religioso, seja para o cético. Noutras palavras, a existência da natureza independe do homem. A expressão “não reconhecer” vincular-se-á diretamente ao termo “negação”; nega-se o que existe, sendo impossível negar o inexistente. A religião tenta negar o que é óbvio, a natureza é negada pela

religião, o corpo é negado pela religião simplesmente pelo fato de existirem. Ainda quanto ao termo negar, a religião nega, hostiliza totalmente a estrutura natural, suporte de sobrevivência para todos os seres vivos, indiscutivelmente porque a ela só interessa o extramundo. Em suma, a religião cristã despreza a natureza com toda sua riqueza de recursos.

A negação da natureza da parte religiosa cristã é decorrente da influência da filosofia platônica, tida como referência ao longo da história do cristianismo. A religião, ao se apropriar da tradição platônica de desprezo pelos sentidos, toma para si a mística racional de sua filosofia e estabelece um modo de viver para os crentes numa perspectiva de abandono do que é corporal e material. Obedece-se à doutrina platônica puramente racional e de desprezo pelo que é corpóreo, o que, semelhantemente, ocorre na doutrina religiosa. A adesão à divindade fortalece o crente que aguarda com convicção o que está por vir (o extramundo), pois assim como na filosofia platônica, a realidade só se concretiza, verdadeiramente, no mundo das ideias.

A postura cristã é ilusória, por isso é preciso que a filosofia de Feuerbach afirme que a realidade é o agora, o objeto, o terreno, não céu, o imanente, a natureza. Não há outra experiência além da vida material; o que existe é o homem na história com tudo aquilo que ele constrói pelo trabalho racional, pela sensibilidade e vontade. O homem é aquilo que ele come (FEUERBACH, 2013). Este pensamento surge quando Feuerbach tenta formular a ideia de Deus nas religiões naturalistas. Na obra *A Essência da Religião (Das Wesen der Religion)* (1846), o filósofo põe a natureza como fundamento da origem e forma da religião. Para Zilles,

[Feuerbach] transforma seu humanismo em materialismo grosseiro. Diviniza a matéria, da qual o homem é parte. Funda a religião no sentido de dependência da natureza, imprimindo-lhe, contudo, o homem sua imagem. Num célebre aforismo formulado pela primeira vez numa recensão do livro *Teoria dos alimentos* do pensador materialista holandês J. Moleschott e depois repetido, diz que o homem é o que come. (ZILLES, 1991, p.111)

Existe, portanto, um antagonismo entre a filosofia e a teologia e mais ainda com a fisiologia de Feuerbach e a religião; a religião se apresenta frequentemente como negadora da natureza. Todavia, o homem é inseparável da natureza, pois dela veio e depende para sobreviver. Ora, o próprio homem já é natureza, o que impossibilita negação de tal constatação.

Neste sentido, a filosofia do exilado de Bruckberg demonstra uma majestade, uma apoteose que só a natureza possui (CHAGAS, 2009). Mais que uma filosofia da religião ele constrói uma filosofia da natureza, defendendo-a a exaustão, desenvolvendo uma filosofia alicerçada na natureza, ao abandonar o idealismo alemão, a filosofia especulativa e a teologia. Portanto, a abordagem acerca do gênero humano vinculado a natureza, mais que isso,

dependente dela, se dá a partir de acentuado fisiologismo, pois não se pode pensar o homem feuerbachiano separado da natureza.

Feuerbach parte da história concreta, da matéria, da natureza, e não de um espírito absoluto, de uma ideia que antecede a história, mas a cultura, o gênero humano, pelo contrário, tudo parte da natureza, pois ela é a matriz da existência. Se a filosofia especulativa, como a de Hegel, propôs um começo a partir do nada, da negatividade, Feuerbach estabelece um movimento de oposição, parte da natureza, pois ela [...] precede o espírito e, por isso, é a base orgânica do mesmo; [...] o espírito é, pelo contrário, produto da natureza, também função de um órgão natural, do cérebro humano, ou seja, atividade que não está fora do corpo e dos sentidos [...]. (CHAGAS, 2016, p. 65)

Como existência primeira e, portanto, fonte de tudo que contém o universo, não existe outra origem para causar a natureza, pois do nada, nada pode vir. Apoiando-se nisto, Feuerbach defenderá com vigor a existência sem uma preexistência responsável por tudo e pelo homem que pensa a partir de sua matriz concreta, real, verdadeira. A postura de Feuerbach frente à questão da imanência faz dele um defensor aguerrido contra a desvalorização, a indiferença do homem religioso cristão frente à natureza:

O homem é um produto da natureza, uma obra dela; ele deve, por isso, tratá-la e estimá-la como “sua mãe”, como a fonte de seu ser. Já que ele deve seu nascimento e sua manutenção apenas às forças e efeitos naturais, depende ele, por conseguinte, da natureza; quer dizer, ele não é nenhum ser sem necessidade, mas um organismo que pressupõe as determinações da natureza, água, ar, alimento etc. (CHAGAS, 2009, p. 44)

Deste modo, Feuerbach reforça que todas as coisas emanam da natureza e traz à tona o que a filosofia especulativa havia abandonado. Seu discurso desenvolve uma filosofia prática e condutora da verdade, conforme afirma (ZILLES, 1990) ter Marx reconhecido em 1844: “Feuerbach é nosso maior profeta. Não há outro caminho até a verdade que aquele que passa por Feuerbach (arroio de fogo); é o purgatório do presente” (ZILLES, 1990, p. 100). Assim sendo, a natureza torna-se uma realidade da qual o pensamento é gerado. Na maneira de investigar o mundo, as coisas, o que é visível, sensível e perceptível é dada à natureza sua precedência. A filosofia genético-fisiológica¹³ de Feuerbach parte daquilo que está constantemente diante dos sentidos do gênero humano, o que não se pode negar em hipótese

¹³ Por filosofia genético-fisiológica, compreende-se o pressuposto utilizado por Feuerbach a fim de desenvolver sua filosofia. Seu ponto de partida é sempre a origem real, sensível, verdadeira e material da existência, tal como a natureza física.

alguma; pode-se omitir ao assumir uma postura hostil, tal como faz a religião, mas jamais negar o mundo sensível, a natureza.

Toda a existência fica sob a égide da natureza. Não é o pensamento, o espírito que antecede tudo, mas é a natureza. Ela tem sua magnitude e anteposição e dela pode-se perscrutar o homem e tudo que existe através dos sentidos.

Enquanto a religião, pela fé, aponta Deus como causa da existência pondo a natureza como causa segunda, mas dependente da primeira, Feuerbach apresenta a causa original, genética da natureza, afirmando que tudo parte desta mãe geradora. Criticando o vazio da filosofia e da teologia especulativas, o filósofo alemão apresenta a natureza enquanto causa de si, antes dela não há outra causa, apenas a natureza se manifesta espontaneamente e todas as coisas são efeito dela. Toda a existência tem o seu nascedouro na natureza sem uma causa antecipadora, pois tudo emerge e se desenvolve a partir da natureza.

O ser humano depende da natureza para sobreviver de modo que, mesmo afirmando não precisar dela, em hipótese alguma isto seria possível. É da natureza que o homem extrai o ar, o alimento e a luz para viver. Deste modo, a filosofia do autor demonstra que o homem não deu a devida atenção à natureza no contexto alemão em que Feuerbach escreveu as suas obras: de 1828 a 1857. A indiferença pela natureza se apresenta como erro grave e preocupante, assim é fundamental afirmar que não se trata de uma falha apenas do homem religioso, antes é uma falha do homem natural defendido por Feuerbach. Os cuidados com a natureza independem de credos, pelo contrário, é uma responsabilidade de todos os seres humanos, um problema gritante para o gênero-humano.

Assim sendo, Feuerbach, através de seu pensamento materialista e ecológico recorda que a natureza é a essência da existência. Tudo que existe é devido à natureza. O posicionamento e o compromisso com a verdade de Feuerbach faz com que ele não seja apenas um pensador de passagem entre autores como Hegel e Marx, como tantas vezes é acusado, mas um autor que precisa ser redescoberto dadas as suas contribuições para um discurso tão necessário e atual, o da essência humana, o que supera a ideia de tê-lo somente como mero opositor da religião:

Ultrapassada que foi a imagem de Feuerbach, como um pensador de transição entre Hegel e Marx, ponto de ligação entre filósofos dominantes e limitado, nessa medida, a uma função secundária na história da filosofia; ultrapassada também a imagem de Feuerbach como crítico – da religião e da especulativa – o mesmo é dizer um autor com alcance apenas negativo, destituído de ideias próprias, [...]. (SERRÃO, 2009, p. 15)

A filosofia de Feuerbach não se limita apenas à crítica ao cristianismo, antes seu pensamento traz um postulado humanista e ecológico que diz respeito a uma mudança de pensamento e hábito, frente à natureza negada, abandonada e hostilizada pelo homem de seu tempo, pois a negação da natureza se refere também ao aceno ecológico (CHAGAS, 2009) feito pelo autor.

Quanto ao desprezo ou a devastação natural, a destruição se dá de ambos os lados: há os que depredam como céticos em nome de um suposto desenvolvimento econômico e há os que a depredam sendo crentes sem qualquer sentimento de culpa. A filosofia do exilado de Bruckberg torna-se, portanto, muito válido para a atualidade, pois apresenta além do viés de defesa e valorização da natureza muito pertinente, traz também, segundo Serrão, um discurso

[...] multifacetado, rico de temas originais, surpreendente pela introdução na filosofia de muitos tópicos desconhecidos a sua época, mas antecipadores de um futuro que já é o nosso: a coesão da intersubjetividade e o corpo próprio, a compreensão da sensibilidade como nova figura da razão, a invenção do princípio interpessoal Eu e Tu, e outros ainda, de feição ética e política [...] a ética da natureza. (SERRÃO, 2009, p. 15)

A filosofia de Feuerbach, quanto à natureza do homem em si, elucida para a religião cristã outra natureza a ser descoberta e valorizada – o homem filho da natureza que deveria cuidar da fonte da existência. A partir da natureza enquanto realidade holística, Feuerbach defende a natureza humana, a qual ao contrário do que prega o cristianismo, não é decaída, pecaminosa, mas possui uma afirmação muito positiva da parte do filósofo.

O otimismo pelo gênero humano é, portanto, a marca da filosofia de Feuerbach, que consiste numa retomada no modo de repensar o homem. Assim sendo, não basta apenas o reconhecimento da riqueza da natureza humana e do mundo; é fundamental recuperar e enaltecer da parte das religiões a composição do homem levando a termo suas capacidades (razão, sensibilidade e vontade) e o potencial de recursos naturais à disposição do sustento humano da mesma forma. Entretanto, a nuance sobre o humanismo e a sensibilidade aparecerá no capítulo III.

Indubitavelmente, a filosofia de Feuerbach emerge da natureza, sem a qual não há pensamento, não há raciocínio, nem vida, mas todas as coisas dependem do auxílio da natureza. A razão não parte de um nada, de um vazio, mas da sensibilidade, do concreto, do real.

Em se tratando de natureza e de um discurso plausível de recondução do homem para o homem, levando em consideração que Feuerbach escreveu durante parte do pontificado de Pio IX (1846-1878), um dos papas mais conservadores e zelosos da história da Igreja, é possível perceber que nos últimos séculos, houve reconhecida mudança quanto ao modo de

pensar o mesmo tema. Os seguintes documentos papais: A Mudança Política (*Rerum Novarum*) - 1891, O Evangelho da Vida (*Evangelium Vitae*) - 1995 e Louvado sejas (*Laudato Si*) - 2015, o primeiro tratando da questão operária e os direitos dos trabalhadores, publicado 19 anos após a morte de Feuerbach, o segundo discorrendo sobre o respeito à vida humana, do nascimento ao definhamento natural, e o terceiro sobre os cuidados com a vida do planeta, dão conta de redescobrir aquilo que Feuerbach já acenava através de sua filosofia - o devido valor do homem e da natureza; o que a religião cristã demorou anos para considerar como imprescindível, Feuerbach antecipou, conforme reconhecem seus comentadores:

[...] este postulado de Feuerbach em relação ao status da natureza oferece, na situação presente, pontos de referência para uma resistência contra toda exploração arbitrária e brutal da natureza a favor dos desígnios e desejos ilimitados do homem e, ao mesmo tempo, fornece, conseqüentemente, sugestões e contribuições para um debate frutífero sobre a crise ecológica atual. (CHAGAS, 2009, p. 63-64)

Atualmente, em diferentes pronunciamentos há mentes que se posicionam em defesa da natureza ameaçada pela ação humana, independentemente do teísmo ou ateísmo, pois se entende que a sobrevivência é uma questão universal e está para além do discurso religioso. Logo, a religião que se desinteressa pelos cuidados com a natureza torna-se alienante e fantasiosa, pois é indispensável lançar mão de uma realidade indiscutivelmente relevante no que se refere à conservação da matriz de sustentação da vida e, conseqüentemente, com a qualidade de vida do homem. A preocupação antecipada de Feuerbach quanto a recondução do pensar a partir da natureza, tornou-se uma constante como se pode ver, conforme Francisco:

Nota-se hoje, por exemplo, o crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades que se tornaram pouco saudáveis para viver, devido não só a poluição proveniente de emissões tóxicas, mas também o caos urbano, aos problemas de transporte e a poluição visual e acústica. Muitas cidades são grandes estruturas que não funcionam, gastando energia e água em excesso. Há bairros que, embora construídos recentemente, apresentam-se congestionados e desordenados, sem espaços verdes suficientes. Não é conveniente para os habitantes deste planeta viver cada vez mais submersos de cimento, asfalto, vidro e metais, privados do contato físico com a natureza. (FRANCISCO, 2015, p.31)

Portanto, é notório que a preocupação de Feuerbach e seu apreço pela natureza, tenha repercussão hoje. Como foi dito, esta preocupação abarca toda a experiência humana, inclusive a religiosa. Assim sendo, todo ser humano, sem exceção, imprescindivelmente, necessita da natureza para sobreviver.

Embora a crítica feuerbachiana tenha pensado uma nova filosofia com repercussão para o seu tempo, no contexto alemão, o papa Leão XIII, sinalizava para a necessidade de posturas humanas mais comprometidas e interessadas, por exemplo, com as condições

miseráveis do homem operário, sem se limitar apenas ao extramundo, mas interessado na conservação da comunidade política.

A sorte da classe operária, tal é a questão de que hoje se trata, será resolvida pela razão ou sem ela e não pode ser indiferente às nações quer o seja dum modo ou doutro. Os operários cristãos resolvê-la-ão facilmente pela razão, se, unidos em sociedades e obedecendo a uma direção prudente, entrarem no caminho em que os seus antepassados encontraram o seu bem e o dos povos. [...] Quanto aos ricos e aos patrões, não devem tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade do homem, realçada ainda pela do Cristão. O trabalho do corpo, pelo testemunho comum da razão e da filosofia cristã, longe de ser um objeto de vergonha, honra o homem, porque lhe fornece um nobre meio de sustentar a sua vida. O que é vergonhoso e desumano é usar dos homens como de vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor dos seus braços. O cristianismo, além disso, prescreve que se tenha em consideração os interesses espirituais do operário e o bem da sua alma. Aos patrões compete velar para que a isto seja dada plena satisfação, para que o operário não seja entregue à sedução e às solicitações corruptoras, que nada venha enfraquecer o espírito de família nem os hábitos de economia. Proíbe também aos patrões que imponham aos seus subordinados um trabalho superior às suas forças ou em desarmonia com a sua idade ou o seu sexo. (LEÃO XIII, 1891, p. 10, 34)

De igual modo no século XX (1971), outros documentos como *Laudato Si*, reforçam o pensamento pertinente e atual de Feuerbach:

[...] Paulo VI referiu-se à problemática ecológica, apresentando-a como uma crise que é “consequência dramática” da atividade descontrolada do ser humano: “Por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, o ser humano começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação”. E dirigindo-se a FAO, falou da possibilidade de uma “catástrofe ecológica sob o efeito da exploração da civilização industrial, ” sublinhando a “necessidade urgente de uma mudança radical do comportamento da humanidade” porque “os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem”. (FRANCISCO, 2015, p. 10)

Feuerbach, ao tecer uma crítica relevante à religião e a filosofia especulativas, faz um alerta em relação à valorização da natureza. Sua filosofia contribui para uma discussão pertinente quanto à questão ecológica e os cuidados humanos. De igual modo, nesta linha de pensamento, a encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII apresenta uma preocupação que enxergava o homem sem negá-lo e sem negar a natureza. A encíclica traz um teor de preocupação com a vida numa abordagem social e política. A preocupação com os operários e suas condições de trabalho e salário justo, abolindo todo tipo de exploração, revela uma postura humanitária que, indubitavelmente, diz respeito diretamente ao homem e a natureza de modo geral.

O pensamento de Feuerbach reitera a importância da natureza para além da crença religiosa. O autor defende um humanismo capaz de perceber que, sem a natureza, o indivíduo

perece. Tudo que o gênero humano produziu até hoje, se deve à natureza generosa, indiscutivelmente. Afirma o autor:

[...] porque na natureza vivemos, trabalhamos e existimos, ela compreende o homem, é ela cuja aniquilação significa também a aniquilação da existência humana; somente através dela existe o homem, somente dela depende ele em toda a sua atividade, em todos os seus passos. Arrancar o homem à natureza significa o mesmo que tirar os olhos da luz, o pulmão do ar, o estômago dos alimentos e querer fazer deles seres existentes por si mesmos. (FEUERBACH, 2009, p. 95)

Assim sendo, o gênero humano não poderá mais se comportar como o homem primitivo, limitado às necessidades primárias: alimentação, reprodução e descanso, numa atitude passiva, mas como homem evoluído, que reconhece a natureza enquanto provedora de bens os quais devem ser administrados. Conforme Francisco,

Uma apresentação inadequada da antropologia cristã promovendo uma concepção errada da relação do ser humano com o mundo, muitas vezes foi transmitida um sonho prometido de domínio sobre o mundo, que provocou a impressão de que o cuidado com a natureza fosse atividade de fracos. Mas a interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável. [...] Quando, na própria realidade não se reconhece a importância de um pobre, de um embrião humano, de uma pessoa com deficiência [...] dificilmente se saberá escutar os gritos da própria natureza. (FRANCISCO, 2015, p. 74)

Neste sentido, a filosofia da natureza de Feuerbach, conforme o exposto neste tópico, traz uma discussão a respeito do papel da comunidade humana ao se responsabilizar pela existência. O pensamento do autor gera a compreensão de que a comunidade política precisa cuidar da natureza e que por isso, a mesma merece plausível reconhecimento e não negação.

3.1.1 Panteísmo – Deus e a natureza, objetos opostos

A obra *Pensamentos sobre a morte e imortalidade (Gedanken über Tod und Unsterblichkeit)*, escrita anônima ou de maneira pseudônima em 1830, evidencia o começo do afastamento de Feuerbach da religião cristã; ocasião da substituição da teologia pela filosofia em 1825¹⁴. Tal mudança exigia do jovem pensador um desejo ardente não mais pelos postulados teológicos, mas pela reflexão antropológica e, portanto, materialista. Não apenas esta obra, mas

¹⁴ Embora seja dito que o distanciamento de Feuerbach em relação ao pensamento de Hegel se deu a partir da apreciação da obra de 1841, seu afastamento da filosofia especulativa e da teologia se dá com a publicação de 1830: *Pensamentos sobre morte e imortalidade (Gedanken über Tod und Unsterblichkeit)*, obra em que o pensador elabora a ideia de um Deus-pessoa. (cf. SOUZA, 1994, p. 22-23)

também *Da razão una, universal e infinita (De ratione, una, universali, infinita)* (1828), tese doutoral de pensador, demonstra o despontar de seu gosto pela filosofia da natureza. De modo que os anos 1820, 1830 e 1837 são extremamente intensos para Feuerbach que vivia o seu verdor intelectual migrando de uma forma de pensar, de enxergar o mundo, para outra. Neste período, havia uma tentativa de unir o homem e a natureza. De acordo com Chagas, “[...] o jovem Feuerbach concebe Deus panteísticamente, pois Este é, para ele, o ser que une a natureza e o homem, o todo do existente. [...], mas como o todo, o fundamento universal do cosmos inteiro.” (CHAGAS, 2009, p.41).

Seu pensamento panteísta se apresenta do seguinte modo: Deus não é a natureza e vice-versa. Feuerbach afirma na obra *A essência do cristianismo* que Deus é a subjetividade humana exteriorizada, ou seja, a experiência religiosa sendo uma imaginação, uma fantasia do homem. Deus seja um ser imaterial que habita em cada partícula da natureza. Ao contrário, Feuerbach separa Deus e natureza, no sentido de que Deus é conceito abstrato do homem, sem ter significado plausível. Concebê-lo panteísticamente necessitaria de uma explicitação mais pormenorizada, pois o que existe é a natureza e o homem afinal. O exilado de Bruckberg não afirma de maneira explícita e literal que aquilo que a religião chama de Deus, é chamado por ele de natureza. Pelo contrário, o homem é fruto da natureza, não existindo a afirmação de que homem e natureza sejam Deus. Feuerbach reconhece o homem e a natureza apenas como existentes, como imanentes, separados do Deus postulado pela religião.

O que a religião separa enquanto Deus, homem e natureza, Feuerbach reconhece apenas como natureza, ou seja, homem e natureza formam um todo entrelaçado. Portanto, a concepção de panteísmo em Feuerbach quer dizer que homem e natureza são inseparáveis, logo, não há divindade no pensamento do autor em estudo, mas uma totalidade constituída de homem e de natureza. O homem vem da natureza, assim sendo, a visão panteística do filósofo do filósofo alemão não se limita a dizer que Deus, imaterial, desnaturalizado e estranho ao homem seja a causa da existência. Pelo contrário, o Deus máximo é o homem que se extasia diante do espelho, isto é, Deus é o reflexo do homem, pois também pensar um Deus impessoal, transcendente e estranho ao ser humano é uma invenção, uma fantasia.

O mote do objeto *religião* desenvolvido através da filosofia de Feuerbach apresenta uma compreensão da natureza a qual não pode ser negada. Aqui o tema da negação é inevitavelmente retomado, por isso é necessário verificar também em que consiste tal negação. Ao mesmo tempo, imediatamente, percebe-se que se há uma necessidade humana pela natureza, então ela não pode ser obsoleta, mas imprescindível à condição humana. É o que se quer desenvolver analisando esta visão, dita panteísta, do filósofo da natureza, opositor do teísmo e

da filosofia especulativa, declaradamente: “[...] a filosofia da natureza de Ludwig Feuerbach tem como cerne a oposição ao teísmo¹⁵ (seja ao Cristianismo, seja ao paganismo) à filosofia especulativa e ao Idealismo Alemão (Fichte, Shelling, Hegel)” (CHAGAS, 2015, p. 1-34).

Para Feuerbach, Deus e natureza são objetos absolutamente opostos, uma parte nega a outra. Sua filosofia não admite como plausível a experiência religiosa. O filósofo de Bruckberg não vislumbra uma conciliação entre natureza e divindade, que são realidades completamente antagônicas. Tal concepção foi resultado de um conflito vivido por Feuerbach entre dois predecessores: a fé e a filosofia, a teologia e a filosofia de Hegel. No pensamento de Feuerbach há um limite restrito para a razão e a sensibilidade e a teologia. A razão e a sensibilidade não ultrapassam a natureza e a teologia não alcança a natureza, apenas se direciona ao extramundo. A natureza é o limite do pensamento do autor ao mesmo tempo que é o ponto de partida para todas as explicitações filosóficas e antropológicas a respeito do homem.

Vale notar que não foi fácil para Feuerbach se posicionar entre a teologia e a filosofia. Ao sofrer influência de ambos os lados até fazer sua escolha, migrou da teologia para a filosofia e, finalmente, decidiu-se pela filosofia da natureza:

[...] em Heidelberg, ele manteve, sob a impressão do racionalismo teológico de Heinrich Gottlob Paulus, uma aversão contra o subjetivismo religioso, a religião do sentimento; mais tarde, depois do encontro com o filósofo da religião da direita hegeliana, Karl Daub, aceita dele o uso do método especulativo (uma versão do sistema hegeliano), para a reconciliação entre teologia e filosofia especulativa, isto é, para a superação da oposição entre fé e razão. (CHAGAS, 2016, p. 17)

A explicação de Feuerbach para a origem da existência reside na versão puramente natural. O filósofo procura elaborar uma argumentação convincente, na tentativa de demonstrar a ilusão na qual os religiosos, principalmente cristãos, estão mergulhados. O panteísmo do filósofo apresenta seu apreço recorrente em explicar a origem de tudo pelo viés natural, sua legítima causa.

Com a crítica à religião cristã e ao Idealismo alemão, Feuerbach desenvolve uma teoria da liberdade. Ou seja, o homem é livre quando abandona os ditames da religião e compreende a natureza como referência para seu desenvolvimento. Estas são as características imanentes da natureza: imediaticidade, autonomia, regularidade, legalidade universal, necessidade e dinamicidade. Todos estes adjetivos são intrínsecos à natureza, logo uma natureza

¹⁵ Feuerbach se opõe a teologia que sistematiza a fé do homem e arranca dele a fé viva, o sentimento, conforme explica Serrão: a teologia é “um aparelho conceitual, racionalizador e legitimador da fé morta” e continua: a teologia encontra seu fundamento na “mundivivência religiosa, estranha à razão” (SERRÃO, 1999, p. 57-58).

autônoma, desvinculada da teologia cristã. Assim sendo, só é natureza o que se apresenta como apartado, livre da influência divina.

Todo o pensamento de Feuerbach, além de ser a desconstrução da teologia e o reconhecimento desta como antropologia, é também a reivindicação de que o pensar vem do ser e não o contrário e, conseqüentemente, demonstrar que a natureza sozinha é autônoma e independente da divindade. Portanto, como sugere Chagas, a postura de Feuerbach frente a estas questões é extremamente:

[...] materialista, a posteriorística, e se dá a partir da crítica a toda ética apriorística, transcendental, ilimitada, indiferente, imediata, pura, vazia de conteúdo, abstraída das determinações, da situação concreta, baseada numa vontade incondicionada, indeterminada, numa pretensa liberdade humana independente tanto dos limites e das leis da natureza externa, quanto da natureza interna, da determinação corporal e das necessidades naturais humanas. (CHAGAS, 2016, p.9)

No embate com a religião e a ética materialista, isto é, entre o sobrenatural e o natural, Feuerbach se esforça para elaborar uma conciliação entre o ser e o pensar. Para Chagas,

[Feuerbach] tenta uma reconciliação entre ser e pensar, uma unidade entre natureza (matéria) e Deus (espírito). No panteísmo ele vê na verdade, não só tal reconciliação, mas também a superação do subjetivismo e da personificação de Deus (de um Deus transcendente), e, por isso, o panteísmo sinaliza para ele a solução para os problemas filosóficos fundamentais. (CHAGAS, 2015, p. 34)

Feuerbach isenta os adjetivos sabedoria, justiça e virtude de serem atributos divinos, tornando-os exclusivamente como qualidades humanas. O filósofo lança o questionamento se os universais existem por si, isto é, se são causa de si:

[...] a questão de se existe um Deus é idêntica a questão de se o universal possui uma existência por si. [...] se não há sabedoria, justiça, virtude no sentido teológico, não se conclui necessariamente que não haja tais no sentido humano e racional. Para se compreender a importância dos conceitos universais, não é necessário endeusá-los, colocá-los autônomos, fazer deles seres diversos dos indivíduos ou particulares. (FEUERBACH, 2009, p. 140)

O discurso ético de Feuerbach, toca no tema da liberdade do homem à medida em que desvincula os adjetivos humanos da submissão religiosa e estabelece uma autonomia. Ou seja: as regras, as condutas e as normatizações que regem a comunidade religiosa, necessariamente não vêm da divindade, mas cabe ao homem, pela razão e sensibilidade, fazer suas escolhas. Logo, na ética de Feuerbach, não há a necessidade da influência do extramundo para que o homem aja com sabedoria, justiça e de modo virtuoso. Isto ocorre simplesmente por meio da predisposição racional-natural do homem para tal fim. Não existe a necessidade de divinizar os conceitos universais. De acordo com Feuerbach “[...] não sou obrigado a representar a virtude, a sabedoria e a justiça como deuses ou, [...] como qualidade de um Deus,

para amá-las” (FEUERBACH, 2009, p.140). Portanto, na lupa do filósofo alemão, procura-se legitimar que os universais antes de serem divinos são humanos. Toda a filosofia do autor em questão desemboca nesta perspectiva. Não são os indivíduos que pertencem aos universais, mas estes pertencem aqueles, noutras palavras, não é o homem (indivíduo) que pertence a Deus (universal), mas Deus que pertence ao homem.

Não há diferença entre Deus e homem. A personalidade de Deus é então o meio através do qual o homem transforma as determinações e concepções de sua própria essência em determinações e concepções de uma outra essência, de uma essência fora dele. “A personalidade de Deus não é em si mesma nada mais que a personalidade do homem exteriorizada, objetivada”. (FEUERBACH, 2013, p. 228).

A natureza divina é completamente idêntica a humana, isto é, a natureza humana e a divina são a mesma coisa, possuem a mesma essência. Natureza divina e humana são da mesma essência. Daí surgem as célebres questões de Feuerbach a respeito dos antagonismos da religião: como um Deus poderia fabricar um ser completamente diferente de sua essência?

Mas um Deus dá a uma virgem o privilégio de gerar um homem, ordena ao fogo que não queime, que atue como água, e água que atue como fogo, portanto que produza efeitos que são contrários a sua natureza, a sua essência, como as ordens dos déspotas são contrárias a essência de seus súditos. (FEUERBACH, 2009, p.158)

Admitir a existência como oriunda da divindade significa negar a constituição natural das coisas. Negar a natureza é desprezar o que é essencial, o que é vital. Logo, o homem, em hipótese alguma, pode abandonar a essência e estrutura natural que lhe circunda, na qual está imerso, da qual depende para sobreviver. Havendo ou não o abandono da fé, a natureza estará à disposição do homem, pois com ou sem fé a natureza permanece como suporte sem o qual não é possível a existência.

Apesar de sua filosofia natural e crítica à causa divina, Feuerbach reconhece a dificuldade em explicar de modo plausível e persuasivo o desdobramento orgânico da natureza. O filósofo admite:

Mas estou longe de pretender dar uma explicação para a origem e a essência da vida orgânica [...]. Ainda estamos longe do estágio da ciência natural que poderia solucionar esta questão. Só podemos saber, pelo menos de modo determinado, que, assim como surgimos e somos sustentados por vias naturais, também aparecemos uma vez por vias naturais e que as explicações teológicas não nos convencem” (FEUERBACH, 2009, p. 151).

E continua: “[...] os produtos e efeitos da natureza estão acima das forças do homem, superam-nas, infinitamente [...]” (FEUERBACH, 2009, p.145). Então, a partir desta limitação de entendimento pleno da causa natural, então imagina o homem religioso que:

Essa causa, humana quanto a essência, como uma entidade sobre-humana, como um ser que tem as mesmas propriedades do homem: inteligência, razão, capacidade de executar seus pensamentos, mas tudo isso num grau infinitamente mais elevado, que ultrapassa infinitamente a medida das forças e das capacidades humanas; esse ser ele chama de Deus. (FEUERBACH, 2009, p. 145).

Mesmo diante de tal admissão, Feuerbach abandona a causa divina e retoma a causa natural, pois para ele não existe o espírito absoluto criador da existência, há somente a natureza como matriz da existência. A filosofia de modo geral lança o homem sobre diferentes buscas e a mais instigante parece ser a da origem da vida, da existência. Portanto, Feuerbach gasta sua filosofia nesta busca de compreensão do modo humano de perscrutar as coisas. Conforme Oliveira, é a eterna razão interrogante, característica primeira da filosofia:

A filosofia, como radicalização da atitude crítica na vida humana, surgiu na vida concreta do homem como tentativa de levantar a questão da verdade desta vida, ou seja, de sua legitimação diante da razão interrogante do homem. Todos os fenômenos da vida humana são, assim, no correr da história, questionados a respeito de sua verdade e foi por esta razão que os filósofos levantaram a questão a respeito da verdade da religião, de sua significação na vida humana, do significado da realidade na qual ela se situa, ou seja, tendo surgido, assim, uma doutrina filosófica sobre Deus. (OLIVEIRA, 1989, p. 13)

Embora não haja resposta satisfatória quando o assunto é a origem da existência, desde a cosmogonia grega, lá com os rapsodos e aedos, Homero e Hesíodo, com a mitologia e, em seguida, com os fisiólogos a origem do cosmos e a totalidade que circunda o homem sempre foram objetos da investigação humana tanto pela filosofia como pela ciência experimental.

O pensamento de Feuerbach gera outra questão, se é possível considerar que a natureza possui uma inteligência. Quanto a isso, a filosofia natural do autor faz compreender que a natureza, embora com seus defeitos e imperfeições e, apesar de suas leis, ela não é totalmente racional, mas há traço de inteligibilidade nela ou, pelo menos, uma predisposição. Sendo a causa genética, o homem herda da natureza seus desdobramentos, mas a natureza não possui autoconsciência como o homem a possui. Contudo, há na natureza força e dinamismo, o que pode ser ilustrado a partir da semente que procura, no interior da terra, a parte úmida para germinar, nascer, crescer e se desenvolver. Assim, há no homem também um processo de evolução à medida que a natureza o conduz, razão pela qual ele tem autoconsciência.

O homem, numa perspectiva estoica, traz predisposições da natureza, mas será desenvolvido pela educação quando a natureza gerar circunstâncias favoráveis para o seu desenvolvimento. Assim sendo, a natureza é a domadora, a educadora do homem da qual ele depende com exclusividade. Uma criança, por exemplo, não nasce completamente racional, mas com traços de racionalidade e, paulatinamente, vai sendo engendrada pela natureza e pela educação que lhe é ofertada. A natureza tem suas leis e o homem as descobre, e vai, aos poucos,

sendo guiado por elas. Neste sentido, a condição humana é influenciada diretamente pelas forças da natureza. A vontade humana, portanto, conforme Chagas,

[...] não é absoluta e incondicionalmente livre, mas condicionada pelo tempo, pelo momento histórico, pela idade, por meios materiais e sensíveis, pela situação ambiental, pelas condições e circunstâncias da natureza, como alimento, vestimentas, luz, ar, água, espaço e tempo [...]. (CHAGAS, 2016, p. 9)

É importante notar que Feuerbach tenta superar uma filosofia de seu tempo – a especulativa. Ele tenta dar uma resposta ante a supervalorização da razão, para uma tradição demasiadamente racionalista, apriorística, idealista, que via o homem apenas como razão num acentuado esvaziamento, influência que impregnou até mesmo a teologia de seu tempo. Recordemos, pois, que o homem feuerbachiano, além de racional, é vontade e coração. “Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade da sua existência” (FEUERBACH, 2013, p. 36). O filósofo de Bruckberg medeia toda sua obra, *A essência do cristianismo*, com este pressuposto, resgatar o homem integral, que se encontra esvaziado de si e desnaturalizado.

3.1.2 Sobre a existência natural

Feuerbach empreende uma luta filosófica cujo propósito é situar o homem no tempo (aquém) e no espaço (natureza), isto é, desprendido da divindade, com a finalidade de estabelecer as bases para um pensamento genuinamente imanente, corpóreo. Para isso, segundo Serrão:

Feuerbach critica o começo da filosofia especulativa, que, por exemplo, em vez de começar pela natureza e daqui chegar ao espírito, ela parte do espírito, que põe a natureza; do mesmo modo, a teologia, que em vez de começar pelo homem, que é sujeito de Deus, começa com Deus, que “cria” o homem, sendo Deus sujeito, e o homem predicado. (SERRÃO, 2012, p. 9)

Deste modo, Feuerbach situa o homem como resultado esplêndido dos desdobramentos da natureza e não da teologia ou da filosofia especulativa. Neste empreendimento, a causa divina da existência é completamente banida, a filosofia feuerbachiana não consegue enxergar o homem e toda a matéria tendo como nascedouro a divindade, mas a natureza que é por si mesma, ou seja, de origem espontânea, responsável pela existência na sua totalidade.

Feuerbach afirma que um ser imaterial não pode gerar um ser material. Ele postula que tudo é originado por um organismo mais elevado e pela necessidade. Segundo o filósofo,

tal como “O olho surge do impulso da natureza para ver, da ânsia de luz, da falta, da necessidade de um olho para a vida, pelo menos de um organismo mais elevado” (FEUERBACH, 2009, 164). O filósofo alemão parte do princípio da espontaneidade;¹⁶ para ele só existe realidade se houver natureza: o natural é real e o real é natural. O autor apropria-se deste pressuposto para reforçar que a origem das coisas não é o pensamento, mas a natureza. Feuerbach não se interessa pela causa que gera a natureza, pois ela é geradora de si mesma. Se assim o fizesse estaria concordando com a filosofia especulativa a qual postula que o ser vem do pensar, do espírito absoluto com seus desdobramentos na história. Ao contrário, para Feuerbach, o pensar vem do ser. De acordo com Serrão:

É neste sentido que Feuerbach critica o começo da filosofia de Hegel tanto na fenomenologia do Espírito (*Phänomenologie des Geistes*) (1807), que parte não do começo real, ou seja, do saber sensível, da sensibilidade, mas da abstração da sensibilidade, quanto na Ciência da Lógica (*Wissenschaft der Logik*) (1812-1816), que parte não do ser real, mas da abstração do ser, do ser abstrato, indeterminado, tipo de uma filosofia especulativa, formal, que inverte as coisas, partindo do abstrato para o concreto [...]. (SERRÃO, 2012, p. 9)

Feuerbach repudia radicalmente as concepções teológicas e a filosofia especulativa de Hegel e estabelece com exclusividade a explicação natural para a existência do mundo. Ao superar a teologia e a filosofia idealista Feuerbach está vinculado agora com todas as suas forças à última: a antropológica. Se a causa divina é abandonada pelo filósofo, então, o fundamento da existência é unicamente a natureza e não a abstração do ser, mas o ser sensível.

Neste aspecto, as argumentações do filósofo de Lundshut se aproximam da teoria da abiogênese que teve aceitação até meados do século XIX, período em que Feuerbach escrevia *A essência do cristianismo* (1841), *A essência da religião* (1846) e as *Preleções sobre a essência da religião* (1851). Dois pensadores, Pasteur e Francesco Redi, (PEREIRA MARTINS, 2009) deram conta de superar tal teoria que parece muito vigente na filosofia de Feuerbach. A natureza como causa preexistente torna-se semelhante à teoria da abiogênese já superada pela ciência empírica. Segundo ela, toda a existência deriva da natureza. A teoria abiogenética defendia que um organismo vivo era originado espontaneamente, portanto, de uma causa desconhecida.

Outra teoria, a da biogênese veio refutar tal espontaneidade e apontar a causa dos efeitos. Há no ar microorganismos vivos que são responsáveis pela geração de organismos maiores. Seja a favor ou contra a filosofia de Feuerbach, a teoria da biogênese sustenta que um ser surge do outro, mas não explica o surgimento do primeiro ser vivo. Embora a teoria

¹⁶ No sentido de que Feuerbach não estabelece uma causa para a natureza, esta é causa de si.

biogenética tenha superado a abiogenética, segundo a qual Feuerbach parece nela se apoiar, não explica o surgimento do primeiro ser vivo, o que implica dizer que não há um argumento plausível em se tratando de causa e efeito. Tudo deriva da natureza e esta não possui preexistência, mas é espontânea como a teoria da abiogênese a qual fora substituída na metade do século XIX. Contudo, Feuerbach continua a refutar a crença humana em Deus como causa primeira da existência devido às contradições da religião: “[...] é tanta tolice deduzir um Deus da essência que domina a natureza quanto seria também, além de tolice, uma prova de falta de inteligência e juízo conceber um príncipe ou um monarca baseando-se no presidente de uma república” (FEUERBACH, 2009, p.160).

Continua Feuerbach: “Porque em geral existe alguma coisa é uma questão tola” (FEUERBACH, 2009, p. 164). E ainda: “Quanta tolice é, pois, por causa desses mistérios da natureza, deduzir conclusões teológicas ou pretender resolvê-los através da teologia!” (FEUERBACH, 2009, p.175). O filósofo de Bruckberg se prende a este termo e classifica como tolo, ingênuo a condição de possibilidade da existência a partir da divindade, ou seja, diante de seu argumento genuinamente material, genético-fisiológico, rotula como sem plausibilidade todo pensamento religioso, teológico, portanto, diferente do discurso imanente de como devem ser explicadas as coisas. Ele chega a afirmar, no prefácio da segunda edição da obra de 1841, como patologia, o posicionamento da teologia: “[...] a teologia não é tratada nem como uma pragmatologia mística, como o é pela mitologia cristã; nem como ontologia, como o é pela filosofia especulativa da religião, mas como uma patologia psíquica” (FEUERBACH, 2013, p. 13).

Apesar do método feuerbachiano de compreensão natural da existência, não se pode estabelecer sua filosofia como suprema enquanto a solução para todas as indagações humanas quanto a origem da vida, isso empobreceria o pensamento do autor, além de comprometer o futuro da filosofia. De acordo com Serrão,

Feuerbach não acredita que um indivíduo, uma obra ou um movimento na história possa ser porta-voz da verdade, da generidade; que gênero humano possa se encarnar num indivíduo particular; que a infinitude e o absoluto sejam qualificações de um sistema filosófico determinado, como o de Hegel; que uma única filosofia como a filosofia hegeliana, possa ser absoluta, infinita, válida objetiva e universal para todas as épocas, independentemente de seu desenvolvimento histórico, pois se uma filosofia é absoluta que futuro haveria para o pensamento e para a própria filosofia? Como ficaria o futuro e a renovação da filosofia? A história não continua após a morte de Hegel? (SERRÃO, 2012, p. 8)

Portanto, assim como a filosofia especulativa é censurada por pretender ser um sistema absoluto para toda a história humana, desenvolvendo uma origem desnaturalizada, o pensamento de Feuerbach não pode, de modo algum, declarar mortos e sepultados os

pensamentos diferentes dos seus, do contrário seu discurso seria incoerente com a crítica aqui apresentada por Serrão. Sua filosofia quer mostrar através de uma crítica o esvaziamento do homem feito por todo tipo de pensamento de desnaturalização, sobretudo na obra de 1841 e resgatar o humanismo sem pretender um pensamento superior e irreduzível. Antes, deve-se conceber o pensamento de Feuerbach como espaço de diálogo frente a outros pensadores que possam contrapor sua filosofia da natureza.

A preocupação de Feuerbach insiste no seguinte propósito: libertar o homem da alienação, de uma especulação filosófica ou teológica, visa lançá-lo numa experiência esclarecedora e eficaz na busca de sua autovalorização quantas vezes sufocada, roubada pelas ideologias de todo tipo, não apenas religiosa, mas seu pensamento dá margem para repensar outras ideologias quais sejam: a política partidária, a econômica, a científica e a filosófica. Basta ver que Feuerbach empreendeu um discurso de reintegração do homem enquanto ser racional, sensorial e de vontade.

A religião revela ao próprio homem a consciência de si, isto é, o homem sabe de sua existência neste mundo, é o homem infinito, por isso interage consigo mesmo, com a natureza e com seu gênero:

A essência do homem, em contraste com a do animal, não é apenas o fundamento, mas também o objeto da religião. Mas a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência não finita, não limitada, mas infinita. (FEUERBACH, 2013, p. 36)

Feuerbach sempre vê a teologia como inimiga do homem, devido à alienação a partir dela gerada. A teologia ou o discurso religioso menospreza, não reconhece a matéria, a carne, o sentimento humano, pelo contrário, nela tudo converge para a divindade. No entanto, o homem é esta unidade da razão com coração e vontade, inegavelmente. É neste aspecto que Feuerbach afirma “[...] que não se pode abandonar a matéria sem abandonar a razão, reconhecer a matéria sem reconhecer a razão [o que significa que] os materialistas são racionalistas” (FEUERBACH, apud LIMA FILHO, 2017, p.168). Não se pode reduzir o homem à razão como faz a filosofia especulativa e a teologia racional.

O pensamento de Feuerbach consiste em estabelecer uma filosofia que fale a língua da terra e não a língua do céu. Mais que isso, uma filosofia encarnada na história da humanidade, de modo que todo o empreendimento do autor visa “[...] apresentar a constituição de uma filosofia que fala o idioma humano [...] [que] declara por verdadeira somente a filosofia traduzida [...] em carne e osso, a filosofia encarnada em homem” (FEUERBACH apud LIMA FILHO, 2017, p. 158).

Assim sendo, Feuerbach terá todo um trabalho em reelaborar esta concepção de mundo, da parte religiosa, tentando ilustrar que há no homem capacidades naturais e não sobrenaturais. Reconhecidamente há aqui a demonstração do modo falso como a religião e a filosofia lidam com o homem. Portanto, nesta perspectiva de resgate do humano pela antropologia e não do humano pela divindade, através da matéria e da razão, Feuerbach desnuda o homem e, como se colocasse diante deste homem um espelho, mostra-lhe a fragilidade (alienação), mas também as virtudes que semelhantemente são humanas e não divinas.

4 O HUMANISMO E A SENSIBILIDADE

Tendo em vista a crítica à religião, especificamente à cristã, escopo do primeiro capítulo, uma vez que é neste segmento religioso que o filósofo em questão concentra sua análise a fim de desenvolver seu humanismo, isto é, o resgate do homem e levando em conta o que foi tratado também no segundo capítulo, quanto à concepção de homem e natureza, será a partir daqui dissertado sobre a extrema valorização feuerbachiana do homem e a sensibilidade. Conforme aludido, Feuerbach migra da teologia para a filosofia de Hegel e desta parte para o discurso antropológico vinculado à natureza. Logo, três passos serão importantes a fim de se compreender o humanismo e a sensibilidade na obra *A Essência do Cristianismo: A concepção de homem e a capacidade de amar; A sensibilidade e a absolutização do homem e O homem e o dilema da finitude*.

4.1 Concepção de homem e a capacidade de amar

Feuerbach acredita no homem que é filho direto da natureza e, exatamente, por acreditar neste nascimento, o filósofo empreendeu todo seu empenho e energia em demonstrar a riqueza do homem de carne e osso e seu valor. Logo, Feuerbach parte do ser e não apenas do pensar da filosofia especulativa. A razão e os sentidos captam o que vem da matéria, da natureza com sua complexidade orgânica, que embora seja difícil de ser compreendida, como o próprio autor já admitiu, consegue alcançar o homem como parte desta mesma natureza.

Se a filosofia especulativa pretendeu desenvolver um começo sem pressupostos, ou seja, partindo de um pensamento apenas, de um começo sem começo, do nada, Feuerbach parte do pressuposto de que o gênero-humano possui uma causa, uma preexistência – a natureza. Este é seu ponto de partida, pois para filosofar sobre determinado objeto, antes é imprescindível ter um pressuposto. Mesmo que a filosofia especulativa tenha pretendido um começo sem causa, termina por pressupor a razão absoluta como alicerce de sua filosofia e a razão nada mais é do que o homem pensando. Assim Feuerbach assume, sem reservas, sua inclinação pela natureza humana.

Portanto, o filósofo da sensibilidade raciocina a partir do potencial da natureza capaz de gerar o homem. Não há nenhum questionamento acerca da realidade fundante da matéria, basta o homem para sentir que a natureza existe e o sustenta. Não é preciso ou não é possível investigar a causa da natureza, ela simplesmente existe. Portanto, tal concepção não

exige fundamentos, mas apenas estabelece a natureza como ponto de partida para toda a existência.

A natureza, sem causa, simplesmente existe com sua estrutura orgânica complexa e concebe o gênero-humano. Logo, acerca da natureza não se cogita nenhum pressuposto fundante, mas num ponto de partida apenas, ou seja, a natureza é a causa para a filosofia antropológica-genético-fisiológica¹⁷, a natureza constitui já a sua fundamentação, de modo que não se questiona sobre sua origem, ela é causa de si, incontestavelmente.

A ideia de uma existência oriunda de Deus é rechaçada por Feuerbach, pois tal crença caracteriza um ofuscamento do ser humano ao transferir o olhar do homem para a divindade. Para o filósofo, deve-se levar em conta que os predicados inerentes à condição humana são identificados no plano terrestre, na imanência, no próprio homem e não no extramundo; este homem é rico de significados e valores, mas é levado pela religião ao empobrecimento para que Deus seja enriquecido. Tal postura apenas evidencia o quanto a religião é o relacionamento do homem consigo mesmo, isto é, com a sua essência. Para Feuerbach, “A essência divina não é nada mais que a essência humana, ou melhor, a essência do homem abstraída das limitações do homem individual [...] por isso, todas as qualidades da essência divina são qualidades da essência humana” (FEUERBACH, 2013, p. 45-46)

Feuerbach toma para si o objetivo de valorizar o homem pelo próprio homem sem mediação como fizera a religião: o homem é capaz de amar, da bondade e da razão, mas opta por ver em Deus a bondade e a sabedoria e, por fim, afirma a existência de Deus exatamente por saber da sua própria existência humana. Portanto, o que é chamado na religião relacionamento do homem com Deus é, na filosofia do autor, o pensamento humano num relacionamento consigo mesmo; é o diálogo do eu (indivíduo) com o tu (gênero) contidos na consciência do homem. Algo que os animais não são capazes de executar, pois, o animal: “[...] não pode exercer nenhuma função de gênero sem um outro indivíduo fora dele; mas o homem pode exercer a função de gênero do pensar, do falar [...] sem necessidade de um outro” (FEUERBACH, 2013, p. 36).

Os animais possuem instinto, ao passo que o gênero-humano possui a consciência ilimitada, isto é, infinita. Na sua base de sustentação sensível, Feuerbach afirma que a religião é criação do homem; o que nela é o diálogo do homem com Deus, na filosofia antropológica é a exteriorização da consciência humana, “o pronunciamento do Eu do homem; [...] a confissão

¹⁷ Este termo será usado para se referir a origem natural das coisas defendida por Feuerbach. A natureza como sendo esta gênese, origem das coisas e do homem (antropologia).

de seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública de seus segredos de amor” (FEUERBACH, 2013, p. 44). A religião é esta consciência infinita da existência.

Nesta perspectiva humanista, FEUERBACH sustenta que a Trindade postulada pela teologia cristã é intrínseca ao homem que vincula a razão, o amor e a vontade a Deus. Nas palavras do autor, “Deus pai é o Eu, Deus filho é o Tu. Eu é a razão. Tu é o amor; só razão com amor e amor com razão é espírito, é o homem total” (FEUERBACH, 2013, p. 92). Total, assim é definido e resgatado o homem da usurpação religiosa. O homem não é somente pensamento nem somente carne ou somente consciência, mas um todo formado pela razão, pela vontade e sensibilidade; é o homem integral defendido por Feuerbach. A Trindade defendida pela religião passa a ser a manifestação plena da efetividade humana. Trata-se do homem integral possuidor da sensibilidade. Ele é coração, por isso o autor explicita que o Espírito Santo como a terceira pessoa da Trindade, é, na realidade, esta parte afetiva do ser humano: a razão e o amor geram a sensibilidade ou a afetividade. De acordo com Feuerbach,

[...] o Espírito Santo representa o lado subjetivo é ele a própria representação do espírito religioso em si mesmo, a representação da afetividade religiosa, do entusiasmo religioso ou a personificação, a objetivação da religião na religião [...] é a criatura que suspira, é o anseio da criatura por Deus. (FEUERBACH, 2013, p. 93)

O homem deseja o céu, o além, o extramundo, mas tudo isso é prorrogado pela religião. Este adiamento do bem-estar do homem para o além da parte religiosa gera algumas relevantes indagações: Por que o homem não pode desfrutar destes bens no aquém? Por que não os antecipar? Por que o homem não pode desfrutar de uma vida feliz e pacífica no plano terrestre? Estas são algumas provocações que podem ser geradas a partir da filosofia humanista de Feuerbach, o qual permanece enxergando no homem grandes capacidades. Como pensar,

O Deus Trino é um Deus rico de conteúdo, daí se tornar uma necessidade quando se abstrair do conteúdo da vida real. Quanto mais vazia for a vida, tanto mais rico, mais concreto será o Deus. O esvaziamento do mundo real e o enriquecimento da divindade é um único ato. Somente o homem pobre possui um Deus rico. Deus nasce de um sentimento de privação; aquilo de que o homem se sente privado [...] é para ele Deus. (FEUERBACH, 2013, p. 97)

Deste modo, a Trindade religiosa é o relacionamento do homem com sua própria consciência numa manifestação plena de seus afetos e vontades. A Trindade não é uma realidade do além, mas do aquém, pois manifesta qualidades do homem de carne e osso defendido a todo custo por Feuerbach.

As três pessoas da Trindade [...] são apenas imaginadas, representadas, dissimuladas – certamente pessoas diversas das pessoas reais exatamente por serem somente personalidades imaginadas, aparentes, mas que querem e devem ser ao mesmo tempo pessoas reais. (FEUERBACH, 2013, p. 234)

Deste modo, fica evidente a negação das potencialidades humanas pela religião. Como um ser de carne e osso, há no homem carências de todo tipo, mas inegavelmente existem, semelhantemente, muitas potencialidades e é exatamente isso que Feuerbach, com sua filosofia da sensibilidade, tenta mostrar: o homem é dotado de sabedoria, capacidades, habilidades e inteligência, mas pelo viés religioso cristão é instigado a transferir tais predicados para Deus. Similarmente, o homem cético também admite suas carências, porém sem buscar superá-las na experiência religiosa, desprovida da plausibilidade racional e sensorial. Pelo contrário, nela o homem se anula para enaltecer a divindade. Ao agir desta maneira, torna-se evidente que a capacidade humana ou divina são a mesma coisa – ato único, conforme Feuerbach. Por isso, todas as ricas atribuições divinas são, de fato, potencialidades humanas transferidas. O homem é capaz de agir autonomamente, pois tudo que o homem vislumbra em Deus está dentro dele mesmo. Portanto, a ação humana e a divina não se distinguem; pelo contrário, é única, porque ambas revelam unicamente a essência humana. Ambas representam a mesma ação: a ação humana é a divina e vice-versa.

O salmo 8,5 representa claramente este ponto de vista do autor; a valorização dos predicados humanos pelo próprio homem; ele mesmo reconhece sua majestade, sua integralidade, sua matéria ao ponto de se impactar por sua grandeza e importância. Praticamente o homem adora a si mesmo e se interroga: “O que é o homem para que dele te lembres [...] Tu o fizeste pouco menos que um Deus, de glória e honra o coroaste, [...]” (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2002, p. 1157). Eis a essência humana explicitada nesta admiração ante a divindade. “O que é o sol, a lua, a terra em comparação com a alma humana? O mundo acaba, mas o homem é eterno” (FEUERBACH, 2013, p.163).

Assim, na perspectiva de Feuerbach, o homem que raciocina, ama a si mesmo, torna-se livre, pois a partir do momento que toma consciência de suas habilidades e as utiliza, isentando-as de Deus, torna-se emancipado. É o homem que não pode se opor a ele mesmo, ao que ele é com seus valores absolutos, valores estes “[...] aos quais não pode oferecer resistência” (FEUERBACH, 2013, p. 37).

O humanismo feuerbachiano consiste no resgate do homem integral (pensamento, vontade e sensibilidade) desvinculando estes e outros atributos da divindade, fazendo com que o homem os perceba em si mesmo dada a sua sensibilidade.

Na filosofia antropológica e sensorial de Feuerbach, um dos muitos predicados elencados pelo autor é o sentimento de compaixão que é um sentimento genuinamente humano. A idealização do Cristo que sofre é o reflexo do próprio homem que padece frente à dor alheia.

A encarnação do Cristo é um protótipo da reparação das culpas a partir do próprio homem ao se colocar no lugar do outro que sofre (altruísmo). Logo, a ideia de encarnação não é uma negação do homem, mas uma demonstração do potencial humano que se dispõe amar seu semelhante. Ora, só é possível manifestar amor por aquilo que é da essência humana, pois:

Não existe amor sem simpatia e não existe simpatia sem compaixão. Teria eu interesse por um ser insensível? Não! Eu só sinto por um ser sensível – só por aquilo que constato ser da minha essência, por aquilo em que sinto a mim mesmo e com cujo sofrimento eu próprio sofro. Compaixão pressupõe essência igual. (FEUERBACH, 2013, p. 80-81)

Desta maneira, a filosofia feuerbachiana recupera aquilo que os discursos, (não só o da religião cristã, mas também filosóficos, o idealismo alemão), haviam abandonado – a parte sensorial. Por isso, uma vez que a filosofia alemã esvaziou o ser humano, encarando-o somente como ser racional, é imprescindível perceber o homem como ser de sensibilidade.

O homem não apenas sente o outro, mas também sente a natureza, logo, a essência do cristianismo nasce exatamente da essência humana, isto é, a essência cristã é humana. No episódio do Cristo que sofre no jardim das Oliveiras, é perceptível o sentimento puramente humano: um Deus que abarca sentimentos humanos, um Deus que agoniza e chora, transpira sangue, revela a condição humana (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2002, p. 2531).

Feuerbach contrapõe diretamente a teologia e a filosofia especulativa: em sua filosofia o autor consegue demonstrar os sentimentos genuinamente humanos escondidos na religião¹⁸. Neste sentido, pode-se afirmar que subjaz na religião não a negação da natureza humana, mas a manifestação plena da sensibilidade, ainda que seja dito, pela própria religião, de modo contrário, pois sua perspectiva é a do extramundo.

O cristianismo é a religião do sofrimento (FEUERBACH, 2013) do empobrecimento, do despojamento do homem pelo homem, pois sofrer pelo outro é uma experiência nobre, reveladora da sensibilidade humana. Todo o padecimento de Cristo na cruz, todo o sofrimento, Feuerbach concebe como sendo o sofrimento, a paixão do homem. Cristo é o modelo criado pelo homem para tê-lo como referência de compaixão, ou seja, o homem vê em Cristo sua própria imagem, mas é o próprio homem que desenvolve por seu gênero, por sua espécie, por sua essência, zelo, afeto e apreço, isto é, desenvolve uma identidade com o próprio homem:

¹⁸ Neste aspecto, a religião ganha duas funções na crítica antropológica de Feuerbach: No primeiro instante a religião transfere os adjetivos humanos para Deus, esvaziando o homem, mas ao fazer isso, segundo momento, automaticamente, já revela todo o potencial humano, pois ao atribuir tais valores à divindade, a religião revela quem é o homem, embora sem a devida pretensão.

O sofrimento é o sumo mandamento do cristianismo – a história do cristianismo é a própria história do sofrimento da humanidade. Enquanto que dentre os pagãos o júbilo do prazer sensual se misturou com o culto aos deuses, dentre os cristãos, naturalmente os antigos, são as lágrimas e os suspiros do coração, do sentimento que fazem parte do culto de Deus. (FEUERBACH, 2013, p. 87)

No diálogo da consciência, isto é, do *eu* e o *tu*, o homem descobre a partir de si mesmo qualidades relevantes que lhes são inseparáveis tais como: a bondade, o altruísmo, o abdicar-se de si em prol do outro. Há uma identificação do homem com o homem. O “outro” sou eu que sofro: é o homem que se percebe na existência do outro. É o homem que ama seu gênero, a sua essência primordial, porém se rende à religião que lhe faz crer que tal essência é divina e não humana, ou seja, o homem religioso, que também é o homem natural, pensa que a sua essência vem de fora e não de dentro. “O sentimento religioso projeta tudo em Deus, [...], exceto o que ele próprio repudia. [...]. E o amor que o sentimento religioso atribui a Deus é o próprio amor não só idealizado, imaginado, mas um amor real e verdadeiro” (FEUERBACH, 2013, p. 82).

Seria difícil imaginar o homem manifestando interesse por um ser insensível, por isso ele manifesta amor por sua própria espécie, seu gênero. É, pois, o amor do homem pela espécie e não o amor de Deus pelo homem e menos ainda do homem por Deus, pois só é possível, diante do espelho da sensibilidade, o homem perceber a si mesmo e não Deus.

Na discussão acerca do homem que ama, emerge outra categoria, talvez não muito explorada no pensamento de Feuerbach: a compaixão humana, embora o filósofo na sua trindade integral tenha se referido ao coração e embora também não haja tanta explicitação para a compaixão, mesmo assim é notório no pensamento do autor tal pretensão traduzida por amor. O amor é uma autêntica qualidade que diz respeito à condição humana e não à divina. O homem é amor, sensibilidade, simpatia e por isso, se compadece do sofrimento alheio, se identifica com o reflexo de si, consigo mesmo. Feuerbach traz em seu modo de pensar a declaração da sensibilidade humana de modo fidedigno e preciso. O amor é um sentimento enobrecedor e sem dono. Segundo Feuerbach, “O que enobreceu o Cristo foi o amor; o que ele foi tomou de empréstimo; ele não foi proprietário do amor, tal como é em todas as concepções supersticiosas” (FEUERBACH, 2013, p. 262).

O amor é um sentimento sem proprietário, por isso não é patrimônio particular dos religiosos. “Os estoicos ensinavam que o homem não nasceu para si mesmo, mas por causa do outro, i.e., para o amor - uma expressão que diz infinitamente mais do que a muito conhecida palavra do imperador Marco Antônio, que ordenava o amor ao inimigo” (FEUERBACH, 2013, p. 263). Logo, o amor pertence ao homem natural, independente de crença ou descrença, pois

que o amor está para além das religiões, além do cristianismo, trata-se de um sentimento universal. Ninguém é detentor do amor, ele pertence à humanidade e se manifesta espontaneamente. Pelo contrário, a religião que prega o amor, mas que se apossa do amor, antagonicamente, também gera a segregação, a seletividade, a exclusão, o que contradiz o amor exposto por Feuerbach. O amor, se privatizado pela religião, gera cismas, inimizades, egoísmo, como se pode observar na experiência do homem religioso que:

[...] se acha excelente perante outros homens, elevado acima do homem natural; ele só se conhece como uma pessoa de distinção, na posse de direitos especiais; os crentes são aristocratas, os descrentes plebeus. Deus é esta diferença personificada e o privilégio do crente perante o descrente. (FEUERBACH, 2013, p. 248)

A filosofia humanista de Feuerbach revela que a religião gera no homem uma autossuficiência e uma certa desconexão com a realidade e a sua conseqüente desnaturalização, pensamento explicitado na obra de 1841.

No cristianismo o homem só se concentrava em si mesmo, separava-se da conexão com o universo, transformava-se num todo autossuficiente, num ser absoluto extra e sobremundano. E exatamente por não se considerar mais como um ser pertencente ao mundo, por romper a sua conexão com ele, sentia-se ele como um ser ilimitado (porque a limitação da subjetividade é exatamente o mundo, a objetividade), não tinha mais motivo para duvidar da verdade e validade dos seus desejos e sentimentos subjetivos. (FEUERBACH, 2013, p. 162)

No modo de pensar de Feuerbach, o amor será mais verdadeiro e genuíno se partir de uma ação desinteressada, desligada da perspectiva do céu como o extramundo, ao se firmar, absolutamente, num dever¹⁹. Ele reivindica uma postura mais ética, diferente do amor pregado pela religião o qual se limita ao campo da moral, ao passo que o amor na concepção de Feuerbach, é o amor do homem em si e para com a humanidade, portanto, desvinculado da divindade. Segundo Feuerbach,

O amor identifica o homem com Deus, Deus com o homem, portanto, o homem com o homem; porque Deus nada mais é que o conceito genérico místico da humanidade, a separação de Deus do homem é, portanto, a separação do homem, do homem da dissolução da união comunitária. (FEUERBACH, 2013, p. 246)

Na discussão humanista, torna-se claro que o amor é um sentimento que não se limita ao contexto apenas religioso, mas o amor é do gênero humano, pois que o Cristo é somente a personificação, uma ilustração do amor humano. Noutras palavras, o amor

¹⁹ Chamamos de *dever* uma postura humana desprendida da moralidade cristã. Feuerbach afirma que quem tem uma meta já possui uma religião (FEUERBACH, 2013), isto é, possui um objetivo a seguir sem precisar da divindade na qual as religiões são ancoradas. Devido a sua consciência, o homem integral (razão, vontade e sensibilidade) tem a seu favor a natureza e sua consciência como recursos essenciais para um agir mais autônomo.

apresentado por Feuerbach independe de autoridade ou da divindade, mas a divindade é o próprio homem espelhado, desejoso de amar e ser amado, motivo pelo qual projeta, ilusoriamente, um Deus que o ame incomensuravelmente:

O verdadeiro amor se basta a si mesmo; ele não necessita de nenhum título especial, de nenhuma autoridade. O amor é a lei universal da inteligência e da natureza – ele nada mais é que a realização da unidade do gênero por via da intenção. Se esse amor deve ser fundado sobre o nome de uma pessoa, então isso só é possível se com o nome desta pessoa forem associadas concepções supersticiosas, sejam elas do tipo religioso ou especulativo. (FEUERBACH, 2013, p. 261-262)

No modo de pensar de Feuerbach, o amor será mais verdadeiro e genuíno se partir de uma ação desinteressada, desligada da perspectiva do céu como o *extramundo*, ao se firmar num dever, absolutamente. Ele reivindica uma postura mais ética, diferente do amor pregado pela religião o qual se limita ao campo da moral, ao passo que o amor desprendido, isto é, do homem em si e para com a humanidade, portanto, desvinculado da divindade:

O amor identifica o homem com Deus, Deus com o homem, portanto, o homem com o homem; porque Deus nada mais é que o conceito genérico místico da humanidade, a separação de Deus do homem é, portanto, a separação do homem, do homem da dissolução da união comunitária. (FEUERBACH, 2013, p. 246)

Na discussão acerca do amor humano, torna-se claro que o amor é um sentimento que não se limita ao contexto apenas religioso. O amor é do gênero humano, pois que o Cristo é somente a personificação, uma ilustração do amor humano. Ele é o protótipo do amor, o modelo que o homem deve tomar para si. Noutras palavras, o amor apresentado por Feuerbach independe de autoridade ou da divindade, mas a divindade é o próprio homem espelhado desejoso de amar e ser amado, motivo pelo qual projeta, ilusoriamente, um Deus que o ame incomensuravelmente:

O verdadeiro amor se basta a si mesmo; ele não necessita de nenhum título especial, de nenhuma autoridade. O amor é a lei universal da inteligência e da natureza – ele nada mais é que a realização da unidade do gênero por via da intenção. Se esse amor deve ser fundado sobre o nome de uma pessoa, então isso só é possível se com o nome desta pessoa forem associadas concepções supersticiosas, sejam elas do tipo religioso ou especulativo. (FEUERBACH, 2013, p. 261-262)

A filosofia de Feuerbach, quando classificada apenas como iconoclasta (destruidor de símbolos religiosos), empobrece o pensamento do autor²⁰, de modo que tal concepção há muito tempo está superada. Feuerbach é autêntico conhecedor do homem, além de apresentar

²⁰ O tema do conhecimento em Feuerbach se dá a partir do instante em que o autor se dedica com exclusividade a abordar a religião não com espírito antirreligioso apenas, conforme costumeiramente tem sido rotulado, mas quando desenvolve uma ética antropológica, um verdadeiro humanismo como proposta de conhecimento e salvação do homem.

um otimismo, destacando as qualidades do homem, o filósofo de Lundshut, não nega as carências humanas, antes as reconhece: “É somente por egoísmo, vaidade, comodismo dos cristãos que eles mesmos veem as farpas na fé dos povos não cristãos, mas não enxergam as traves na sua própria fé”. (FEUERBACH, p. 250, 2013). Feuerbach tornou-se perito na perspectiva de averiguar a religião e perceber com sutileza mais humanidade e menos divindade, mais concretude e menos especulação, mais realidade e menos abstração, mais natureza e menos extramundo.

A filosofia genético-fisiológica de Feuerbach, na perspectiva epistemológica sobre a religião cristã, passa pelo *gnôthi sautón* (FEUERBACH, 2013) socrático. O famoso “Conhece-te a ti mesmo” do templo de Delfos ajuda a entender o que é o relacionamento do homem com ele mesmo. A crítica de Feuerbach ajuda na compreensão de que não há somente antropologia, mas também muito sentimento na religião, pois muito do que se postula como conteúdo vindo do céu, é, na verdade, oriundo do interior do ser humano, o que aponta para uma religião impregnada de ações e sentimentos humanos.

Este resgate do humano pelo humano, nada mais é, senão a possibilidade do homem se auto conhecer. A filosofia de Feuerbach chamada de filosofia da sensibilidade, permite que, no autoconhecimento, no estudo da consciência, o homem perceba o seu grande potencial, afastando-se definitivamente da especulação filosófica e teológica. Em Feuerbach, neste sentido, o conhecimento de si torna-se instrumento de emancipação do homem.

Para Feuerbach estudar a religião é perscrutar o homem. A origem da religião é o resultado da ação humana, onde uma tradição religiosa se apropria de uma mais antiga e reelabora uma nova religião²¹ quanto à organização, hierarquia, dogmas e proibições. Tudo inspirado nas experiências mais remotas para fundamentar e reproduzir novas convicções. Logo, a religião é sempre uma reprodução de antigas tradições, portanto uma releitura de outros credos antigos, não vem do além, mas da cultura, da organização da comunidade humana.

²¹ “Muitos linguistas pensam, como Cícero, que *religio* vem de *relegere*, que pode significar “recolher” ou “reler”. Neste sentido, a religião não é, ou não é antes de mais nada, o que *liga*, mas o que *recolhe e relê* (ou o que se relê com recolhimento): mitos, textos fundadores, um ensinamento (é a origem em hebraico da palavra Torá), um saber (é o sentido em sânscrito da palavra Veda), um ou vários livros (Bíblia em grego), uma leitura ou uma recitação (Corão em árabe), uma Lei (Darma em sânscrito), princípios, regras, mandamentos (o Decálogo no Antigo Testamento), resumindo, uma revelação ou uma tradição, mas assumida, respeitada, interiorizada, ao mesmo tempo individual e comum (é onde as duas etimologias possíveis podem se encontrar: reler inclusive separadamente, os mesmos textos cria um liame), antiga e sempre atual, integradora (num grupo) e estruturante (tanto para o indivíduo como para a comunidade). A religião, de acordo com essa terminologia, deve menos à sociologia do que à filologia: é o amor a uma Palavra, a uma Lei ou a um Livro – a um *Lógos*”. (cf. SPONVILLE, 2007, p. 27).

A filosofia feuerbachiana ilumina o conceito de religião no sentido de esclarecer, com plausibilidade, o que ela é de fato. Ela é o relacionamento puro do homem consigo próprio, com sua própria consciência, de modo que as atribuições à divindade são, indubitavelmente, o resultado do desejo humano.

A experiência religiosa arranca o homem da realidade, podendo lhe tornar covarde, protelando sempre a resolução dos problemas para o extramundo, o que faz o homem ficar apático, fragilizado, alienado e evitará o embate com as dificuldades. O homem entregue aos desígnios do extramundo, terminará por perder a capacidade de lutar e deste modo foge da comunidade política real, deste modo, o homem deve ir à luta sabendo que “Quem tem um propósito, uma meta que seja em si verdadeira e essencial, este já tem com isso também religião, não no sentido mesquinho da plebe teológica, mas – e é o que importa – no sentido da razão, no sentido da verdade”. (FEUERBACH, 2013, p. 90)

4.1.1 A sensibilidade e a absolutização do homem

É sempre necessário recorrer à filosofia platônica a fim de recordar que a religião cristã foi fortemente influenciada pelas ideias contidas na obra *Fédon*. Nela, Platão preconizava o pensamento em detrimento do mundo sensível. Se para Platão o corpo era o cárcere para o pensamento puro, para Feuerbach empreende uma filosofia que qualifica a natureza e o homem. Enquanto que no cristianismo a natureza e o homem não agregam valor, mas são desprezados, Feuerbach postula que é pela parte sensível, material, natural que se chega ao conhecimento. É impossível obter conhecimento negando a sensibilidade. O conhecimento do homem se dá a partir do estudo do homem e não a partir de ideias ou conceitos.

A natureza tem relação com todos os seres vivos de modo que só é plausível o que vem da natureza, ou seja, o que vem do que é corpóreo, palpável, percebido pelos sentidos e pela razão. Portanto, o homem raciocina ao investigar o objeto a partir de sua natureza, logo, a natureza é o objeto a partir do qual o homem emite juízos.

O filósofo desenvolve um humanismo pujante; tudo em seus escritos converge para este resgate do homem, negado, pela religião cristã e pela filosofia especulativa. Se na religião, o cerne é Deus, todas as coisas são oriundas Dele e retornam para Ele, na perspectiva de Feuerbach é reivindicada uma valorização do homem desvinculado da divindade; as coisas são da natureza, brotam dela e nela estão sempre agregadas, trata-se, pois, de um curso naturalmente inevitável. Desta maneira, Feuerbach argumenta que o material antecede o ideal, pois seu pensamento se volta para a terra e não para o céu, para a natureza e não para o extramundo. Ou

seja, para obter conhecimento deve-se partir da matéria, do que é sensível. Conforme Feuerbach,

[...] todos nós somos materialistas antes de nos tomarmos idealistas, satisfazemos primeiramente ao corpo, às necessidades baixas, antes de nos elevarmos às necessidades do espírito; a criança mama, dorme e rasteja no mundo antes de aprender a vê-lo. (FEUERBACH, 2009, p.179)

O apreço acentuado pela matéria faz o filósofo supervalorizar o homem, tanto individualmente, quanto na dimensão de gênero. Ele declara sua predileção exclusiva, no decorrer da obra, *A essência do cristianismo*, pela exaltação do homem. Feuerbach empreende todas as suas energias para resgatar aquilo que o cristianismo negou ao longo da história e, que por direito, se reserva unicamente ao ser humano. Assim, Feuerbach se apresenta como o advogado da seguinte causa: salvaguardar a essência do homem. A essência humana é humana e não divina. Logo, se na perspectiva religiosa tudo converge para Deus, na perspectiva do exilado de Bruckberg, tudo se volta para o homem como centro de sua principal discussão. Ele nega o teísmo para desenvolver, em seguida, uma predileção absoluta pelo homem; ele se desprende do teísmo e vai construindo uma postura de valorização máxima dos potenciais humanos.

É notória a recondução que o autor faz do homem em detrimento da fantasia do ser sobrenatural (Deus) desenvolvida pela religião, o que faz nascer a reivindicação de uma natureza humana autônoma. Deste modo, o que é natural deve ser tratado pela coisa em si, ou seja, como ela é, sem enfeites, o que possibilitará ao homem um mundo melhor devido o esclarecimento a partir do objeto e não da especulação. De acordo com Brandão, “Se o homem passasse a acreditar um pouco mais em si mesmo ao invés de acreditar em deuses – dizia ele – teríamos certamente um mundo muito melhor” (BRANDÃO, 2009, p. 11).

Feuerbach faz do homem a medida de toda a existência, tudo em sua filosofia converge para o homem o qual passa a ser a medida de todas as coisas existentes. É o homem que mensura, mede, investiga, examina a natureza. O homem autônomo vai exercitando sua própria natureza, a de investigador curioso apaixonado pela essência da realidade natural. O investimento de Feuerbach no homem aparece revestido de uma crença, conforme Schütz: “Sua crença no homem como ser supremo, também lembra diretamente, os ideais iluministas, no que se refere ao apelo ao esclarecimento do homem e nas suas capacidades ilimitadas” (SCHÜTZ, 2001, p. 21).

A humanidade elucidada por Feuerbach é detentora de um saber incomensurável. Todo desenvolvimento humano até hoje só foi possível devido a capacidade racional aliada a

sensibilidade. Em contato direto com a natureza, conforme descrevemos no capítulo anterior, o filósofo de Bruckberg apresenta um homem até então desconhecido, pois antes ele apenas se limitava aos desígnios da divindade, desde então emancipado, dono de si, fazendo uso da consciência, torna-se responsável pela comunidade política em substituição da comunidade ilusória empreendida pela religião. O homem agora tem um objeto. Ou seja, tem a si mesmo, possui uma meta a ser desenvolvida: a construção de sua própria história, desligando-se dos ditames da moral religiosa.

O homem nada é sem objeto. Grandes homens, homens exemplares, que nos revelam a essência do homem, confirmaram esta frase com a sua vida. Tinham apenas uma paixão fundamental dominante: a realização da meta que era o objetivo essencial da sua atividade. Mas o objeto com o qual o sujeito se relaciona essencial e necessariamente nada mais é que a essência própria, objetiva deste sujeito. (FEUERBACH, 2013, p. 37)

Ademais, a filosofia da sensibilidade de Feuerbach ao pensar com exclusividade sobre o homem reivindica a necessidade de investimento humano, buscando antes de tudo, o conhecimento de si, o eu do homem, o que faz recordar Rousseau²² e sua denúncia: de todo o progresso humano, o menos avançado diz respeito ao conhecimento sobre si mesmo, pois o verdadeiro estudo, o humano, encontra-se abandonado e submetido à moral religiosa.

Neste sentido, a filosofia de Feuerbach é um investimento direto à valorização da consciência do homem, ofuscada pela teologia. O autor faz revelar pela antropologia o verdadeiro eu do homem, e afirma:

[...] toma o homem consciência de si mesmo através do objeto: a consciência do objeto é a consciência que o homem tem de si mesmo. Através do objeto conheces o homem; nele a sua essência te aparece; o objeto é a sua essência revelada, o seu Eu verdadeiro, objetivo. E isto não é válido somente para os objetos espirituais, mas também para os sensoriais. Também os objetos mais distantes do homem também são revelações da essência humana, e isto porque e enquanto eles são objetos para ele. Também a lua, o sol e as estrelas gritam para o homem o *gnôthi sautón*, o conhece-te a ti mesmo. Pelo fato dele os ver e os ver da forma que ele os vê, tudo isso já é um testemunho da sua própria essência. (FEUERBACH, 2013, p. 38)

O homem investiga todas as coisas, mas examina o que lhe é externo e, portanto, investiga e investe muito pouco quanto ao conhecimento de si próprio. O conhecimento humano está abaixo do esperado, pois se examina até mesmo a existência de seres vivos noutros planetas, a geofísica, a vida microbiológica, a vida marinha, a tecnologia robótica, a

²² “O mais útil e o menos avançado de todos os conhecimentos humanos parece-me ser o do homem e ousar afirmar que a simples inscrição do templo de Delfos continha um preceito mais importante e mais difícil que todos os grossos livros dos moralistas” (cf.: ROUSSEAU, 1987, p. 31).

biotecnologia e o fundo dos oceanos. Contudo, o estudo consistente acerca do conhecimento²³ do próprio homem anda a passos lentos, por isso há pouca evolução no campo humanístico.

A apologia ao homem, a relação teologia e religião que desemboca numa antropologia será um projeto de vida assumido por Feuerbach, segundo o qual afirma: “Eu pertencço à classe de homens que prefere uma especialidade frutífera a uma versatilidade ou um pseudoenciclopedismo infrutífero que para nada serve” (FEUERBACH, 2013, p. 18). Tal posicionamento é um reconhecimento do homem e da natureza que, a seu modo de ver, foram completamente abandonados pela religião cristã, a qual lança para o além tudo o que o homem é capaz de elaborar aqui na terra. Para Feuerbach não faz sentido pensar na perspectiva de futuro desassociada da realidade. Ao assumir a postura de predileção pública pela natureza do gênero humano, Feuerbach, através da sua empiria antropológica peculiar, torna-se um materialista-fisiologista sem precedentes, pois seu pensamento se dedica com exclusividade a exaltar a natureza que é o ponto de partida para toda existência inclusive a existência do homem.

Feuerbach migrou da condição de teólogo para a de filósofo e antropólogo genético-fisiologista. Tendo estudado teologia em Heidelberg, pensou sobre Deus, depois migrou para a razão na experiência com Hegel, porém rompeu com o pensamento deste, dedicando-se a estudar o homem e a natureza. Assim sendo, ele “chega à conclusão de que fê e razão, filosofia e teologia, iluminismo e cristianismo são totalmente inconciliáveis” (ZILLES, 1991, p. 104). Ele está convencido de que o extramundo apresentado pela teologia cristã não é plausível, pelo contrário, é uma ilusão. O Deus dos homens é seu próprio ser; isto é, não externamente, mas a partir de si o homem encontra seu Deus, a sua essência, ele mesmo, portanto, não há diferença entre homem e Deus, pois “Deus é o espelho do homem.” (FEUERBACH, 2013, p. 89). Nesta perspectiva,

Como o homem pensar, como for intencionado, assim é o seu Deus: quanto valor tem o homem, tanto valor e não mais tem o seu Deus. A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem; e, vice-versa, pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa. (FEUERBACH, 2013, p. 44)

No contexto alemão, em meados do século XIX, Feuerbach com seu modo diferenciado de lidar com a religião e a filosofia, ousou se impor num ambiente hostil ao seu modo de filosofar. Ele rompe com a tradição alemã de pensar, então predominante: o idealismo. Afirma Feuerbach: “Odeio o idealismo que arranca o homem à natureza” (FEUERBACH, 2009,

²³ A defesa do homem é o fio condutor no pensamento de Feuerbach (mais especificamente na *Essência do Cristianismo*), o que abre novas possibilidades de discussões a partir de sua filosofia, o conhecimento é uma delas.

p. 49), isto é, que o esvazia. Ao lançar-se em resgate do humano, abraça uma causa que, a seu ver, é nobre, salvar o homem das especulações deturpadas da filosofia e da religião vigentes.

A nova²⁴ maneira de pensar desvinculada da filosofia especulativa, que consistia em perceber o homem apenas como ser pensante e não como ser também de sensibilidade, inaugura outra forma de perscrutar a religião. Feuerbach não se limita a ser apenas um opositor da religião, pelo contrário, “A religião é uma espécie de estopim a partir do qual a reflexão filosófica feuerbachina se espraia, não no final do percurso” (LIMA FILHO, 2017, p. 25). Deste modo, o pensador alemão pretende uma nova filosofia, o que aponta também para um novo olhar sobre a crítica do autor. “A reforma da filosofia só pode ser a necessária, a verdadeira, a que corresponde à necessidade da época, da humanidade. [...] Só quem tem a coragem de ser absolutamente negativo tem a força de criar a novidade” (FEUERBACH, 1988, p.13-14).

Esta nova filosofia enquanto estudo mais empenhado acerca da sensibilidade e do humanismo, chega a anunciar novas proposituras, conforme Brandão: “A religião será então substituída pela cultura, pela ética, pelo humanismo, porque só a cultura pode unir os homens, não a religião [...]” (BRANDÃO, 2013, p. 9).

O cristianismo, religião da qual Feuerbach é oriundo, lhe causou influência, de certo modo, até mesmo em sua filosofia. Basta ver que o autor recorre inúmeras vezes à literatura bíblica para situar seu pensamento, o que revela um pensador que não nasceu cético, pelo contrário, foi influenciado durante muito tempo na Alemanha pela religião cristã de denominação luterana. A partir desta experiência religiosa e depois da ruptura com a mesma, nasce a substancial denúncia filosófica e antropológica: o modo de pensar e de viver a religião e o Idealismo alemão estão desvinculados da sensibilidade e da vontade, portanto, um modo de perceber o mundo limitado apenas à razão. Segundo Zilles,

Feuerbach admite a unidade do finito e do infinito. Mas, [...] põe o infinito no homem e não no absoluto. E o homem [...] é “corpo consciente”, não puro pensamento. Critica o idealismo [...] postulando uma teoria do conhecimento materialista. [...] [este idealismo censurado por Feuerbach] em vez de tomar a realidade (natureza) como critério para a filosofia, esta torna-se o critério para a realidade [...] os sentidos nos proporcionam a essência das coisas. (ZILLES, 1990, p. 104)

²⁴ Uma nova maneira de filosofar no sentido de romper com o idealismo alemão especulativo e que esvaziava o homem. O modo de fazer filosofia é novo, mas o tema sobre o qual Feuerbach se debruça, o humanismo, não é uma novidade se se levar em conta que tal discussão é retomada no movimento renascentista que por sua vez nasceu da filosofia greco-romana clássica, por exemplo, com Aristóteles, Protágoras. A proposta de uma nova filosofia é afirmada na obra *Princípios da filosofia do futuro* (1843).

Mas uma vez torna-se latente o pensamento de Feuerbach aos moldes não apenas epicuristas, mas também estoicos²⁵, pensar de acordo com as determinações da natureza. Só tem sentido pensar o homem vinculado à natureza. Não há o que esperar após a morte, não existe experiência alguma depois da finitude. Para os epicuristas não existe vida após a morte, os deuses não interferem na vida do homem e apenas são modelo de vida tranquila, feliz (KURY, 2008). A morte, conforme a filosofia de Epicuro, não afugenta quem está vivo, pois vivo, o homem não conhece a morte e ao perecer, torna-se insensível o que torna impossível o conhecimento da morte (CARDONA, 2017).

Neste sentido, a filosofia de Feuerbach se pauta na sensibilidade, no imanente, no real, no que é natural, e, portanto, capaz de instigar o pensamento sem abstração e fantasia como faz a religião. O homem somente se depara com a verdade a partir da natureza, a partir da qual é possível sentir e raciocinar, mas é fundamental seguir este método: primeiro o que é sensível, a natureza, depois o pensamento. Logo, a matriz de raciocínio de Feuerbach é, indubitavelmente, a natureza.

Antes de classificar a filosofia humanista do autor em questão como iconoclasta do cristianismo, será mais interessante percebê-lo como inquietante pesquisador da postura religiosa do homem quanto à sensibilidade, pois é notória em seus pensamentos a defesa do humanismo mais do que a guerra contra a religião. Como filósofo irredutível e fiel aos seus escritos, defenderá até o fim o propósito de devolver o homem à comunidade política, ao que emerge como real. Por isso, se reitera: o homem é inseparável da natureza. Homem e natureza não se separam na filosofia do autor. Pelo contrário, até mesmo após a morte, o destino dos corpos é a terra. Após a morte o homem permanece agregado a terra, à natureza e é diante desta inseparabilidade que se acentua o pensamento fisiológico de Feuerbach.

Este pertencimento do homem à terra, à natureza, aparece na narrativa bíblica da Criação a fim de demonstrar a fabricação do homem. A literatura sagrada demonstra a formação e a fragilidade humana a partir do pó da terra conforme o livro do Gênesis em que o homem é feito da terra: “Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivente” (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2002, p. 18). Tal passagem corrobora o pensamento do autor, uma vez que fica evidente que o homem é fabricado com recursos naturais, logo o homem não pode negar a natureza.

²⁵ “Mundo, compreensão do mundo e comportamento do homem são os três grandes centros de interesse dos estoicos (serão também os do epicurismo), que determinam também as suas três principais áreas de investigação filosófica: a física (por meio dos elementos da metafísica), a teoria do conhecimento (lógica, epistemologia, gnosiológica) e a ética”. (cf.: CARDONA, 2015, p. 36).

Neste sentido, Feuerbach nega e censura com todas as suas forças a dimensão transcendente do homem, postulada pela religião, pois o ponto de partida para filosofar é a natureza examinada pela razão e os sentidos. No seu modo de filosofar, um mundo após a experiência empírica, terrena, não se sustenta. Por isso, é ilusão projetar um Deus criador e providente responsável por um mundo estranho ao mundo real e à natureza.

Tendo recebido toda bagagem teológica ao viver o luteranismo, o filósofo alemão rejeita completamente a dimensão religiosa que não é real, mas resultado da imaginação. Toda a bagagem que a religião cristã, mais especificamente a teologia deu a Feuerbach foi substituída pelo discurso antropológico. Para Chagas,

A teologia não podia dar a Feuerbach mais nada, pois ela não era suficiente às exigências empíricas da realidade concreta. “Palestina”, diz ele, “é a mim muito estreita; eu quero, eu devo prosseguir no mundo, e esse somente o filósofo traz nos ombros”. (CHAGAS, 2016, p. 17)

Feuerbach ao abdicar do seu passado religioso mergulhou no campo estritamente antropológico, compreendendo, pois, que a verdade só se dá pela experiência natural. Não mais a teologia, mas a filosofia lhe daria explicação plausível da existência.

Eu renunciei a teologia, porém a renunciei não maligna ou levemente; não porque ela não me agrada, mas porque ela não me liberta; porque ela não me dá o que quero, o que preciso. [...] (...) eu quero a natureza, frente à qual a profundidade dos teólogos recua; eu quero carregar em meu coração o homem inteiro, que é objeto não para o teólogo, mas apenas para o filósofo. (FEUERBACH apud CHAGAS, 2013, p.16)

Feuerbach passou a conceber o homem como natureza sensorial ao desenvolver uma absolutização antropológica, genética, fisiológica pelo gênero humano. Ele resgata com pujança a natureza humana, o autor faz um investimento para superar a tradição idealista-racionalista de seu tempo, nela o homem era visto apenas como razão. A matéria, o sensorial, foi aos poucos abandonado pela filosofia, e a teologia fez deste modo de pensar um salto para estabelecer, com resquícios da tradição platônica, que a essência humana seria a razão ou a dimensão espiritual.

Feuerbach não nega a razão, e nem poderia, pois não existe filosofia sem razão. Porém, paralelo à razão, o filósofo enaltece a matéria para resgatar o que em seu tempo havia sido abandonado. Sua postura não é a de um racionalista apenas, mas de um racionalista-materialista, enxergando, pois, o homem na sua materialidade agregada à razão, indiscutivelmente.

Nesta perspectiva de perceber o homem enquanto sentimento e não somente razão, Feuerbach toma o sofrimento, concebido pela religião em materialidade, em coração humano,

ação humana e não ação divina, pois que a bondade, a alteridade²⁶, a misericórdia, o amor a si e ao outro, tudo isso é classificado como adjetivo humano. O homem, na concepção de Feuerbach, é, antes de tudo, o que sente, o que reflete, o que tem vontade e que é movido pela sensibilidade através do:

[...] coração, do impulso íntimo de praticar o bem, de viver e morrer para os homens, do impulso divino do benefício que pretende tomar a todos felizes e que não exclui nem mesmo o mais repudiado, o mais desprezível, do dever moral no sentido mais elevado, quando se torna uma necessidade interna, [...] do coração, portanto, da essência humana enquanto se revela como coração ou através do coração, é que surgiu a essência do cristianismo melhor, verdadeira [...]. (FEUERBACH, 2013, p.85-86)

Aqui se poderia parafrasear Feuerbach quando este afirma que “a religião cristã é a religião do sofrimento” (FEUERBACH, 2013, p. 88). A religião cristã é a religião da sensibilidade, pois o homem é principalmente coração e vontade. Este coração é o da comunidade humana política reivindicado pelo autor, onde o homem é mediado pela sensibilidade, desejo irrenunciável de ajudar aquele que padece.

Este princípio ético, o da alteridade deve, antes de tudo, estar alicerçado como meta, como propósito, isto é, sentir não em busca do extramundo, em função da salvação individual, influenciado por dogmas, mas pelo propósito assumido “de viver e morrer para os homens” (FEUERBACH, 2013, p. 85). Esta é a lei que deve reger o homem e suas relações, o que desemboca numa ética natural: “A meta limita; mas a limitação é o mestre da virtude. Quem tem um propósito, uma meta que seja em si verdadeira e essencial, este já tem com isso também religião [...] no sentido da razão, no sentido da verdade”. (FEUERBACH, 2013, p. 89-90).

O coração na filosofia de Feuerbach tem a sua relevância, ou seja, o homem é dotado de sensibilidade proporcionadora de uma existência material mais intensa, mais despreendida, mais coerente. Deste modo, a existência real, a vida, o que é imanente precisa ser alimentado, o que supõe amor de si:

A religião é a reflexão, a projeção da essência humana sobre si mesma. O que existe sente necessariamente um prazer, uma alegria em si mesmo, ama-se e ama-se com razão; se o reprenderes pelo fato de ele se amar, estarás repreendendo-o pelo fato de existir. Existir significa afirmar-se, amar-se; quem se torna cansado da vida rouba-se a vida. (FEUERBACH, 2013, p. 88)

Ou seja, o poder do homem é o poder adquirido pelo cultivo da sua existência material, natural. O homem torna-se livre porque, antes de tudo, ama, logo, sua existência terá

²⁶ Alteridade, significando a capacidade humana, movida pela sensibilidade, de se colocar no lugar do outro. É o homem que sai do seu individualismo e se impõe enquanto gênero, espécie. É o reconhecimento do sofrimento alheio.

sentido ao assumir metas alicerçadas através da sensibilidade oriunda da capacidade de amar. Viver para o outro sem esperar uma recompensa é o mesmo que abraçar um princípio ético de valorização do outro por tudo que ele significa, por possuir a mesma humanidade, capacidades e precariedades semelhantes, ser da mesma matéria, ter semelhantes sentimentos, portanto, a mesma natureza.

A sensibilidade em Feuerbach é muito relevante, pois revela a visão extremamente otimista do autor sobre o homem. Ele elabora uma nova concepção de homem dotado de excelente poder benevolente. Um homem bom, ético, amável, preocupado em fazer o bem, que vive a alteridade e não o egoísmo com disposição para amar, sentir e servir sem que tais predicados venham de fora, mas venha da consciência e do coração um comando para agir.

Feuerbach não disserta sobre aquilo que o homem poderá ser, pois não lhe interessa a realidade postergada, mas lhe interessa a natureza real do ser humano. Portanto, quanto ao seu modo de filosofar, todas as ações divinas devem ser substituídas por ações humanas:

[...] do homem que tem os pés no chão, do homem que está em harmonia com a natureza da qual sabe ser um produto [...] do homem que conhece e critica a si mesmo, combatendo as suas falhas e aperfeiçoando as suas qualidades; enfim, do homem que trabalha, ama, cria e transforma. (FEUERBACH, 2013, p. 10)

Feuerbach não admite o agir do céu, mas reivindica que esta ação seja do homem natural, pois quem sente e se compadece, quem age é o próprio homem. É o homem que chora, que tem medo e que se sente abandonado. Deste modo para perseverar no uso do coração, da sensibilidade, o homem deverá treinar a autonomia, que é o agir desinteressado e desligado dos dogmas, do contrário esta autonomia deixará de existir e o homem recorrerá sempre a um modelo moral externo a ele. Por isso, a autonomia precisa ser alimentada a partir do interior do homem, ao estabelecer uma meta de vida:

[...] o religioso coloca fora de si como um objeto acima de si e então toma o caráter de uma subordinação formal [...] o religioso [...] tem uma finalidade e por ter uma finalidade tem base sólida. Não é a vontade como tal, não é o saber vago – somente a ação objetiva é a unidade da atividade teórica e prática, somente ela oferece ao homem um fundamento ético, i.e., caráter. Por isso todo homem deve ter um Deus, i.e., estabelecer uma meta, um propósito. (FEUERBACH, 2013, p. 89)

O sofrimento tratado pelo filósofo alemão n'A *Essência do Cristianismo* é a sensibilidade humana aguçada; é a capacidade que o homem possui enquanto possibilidade de se colocar no lugar do outro. Neste sentido, poder-se-ia afirmar, assim como o próprio filósofo que há um *Eu* e um *Tu* ao mesmo tempo dentro e fora do homem. Um “eu” nele mesmo e um “tu” fora dele. Fora, pois, o homem percebe o sofrimento alheio no mundo, na matéria, na sua espécie e, dentro do homem, à medida que ele se enxerga no seu semelhante, isto é, se identifica

com outro ser humano possuidor de características semelhantes. Nessa perspectiva, para Feuerbach, o homem é feito imagem e semelhança de si, pois conforme Paula, “ Para Feuerbach, ao amar um Deus humano o homem ama, na verdade a si próprio” (PAULA, 2008, p. 138).

A experiência do sofrimento é antes de tudo a demonstração do amor próprio e do amor universal do homem. O filósofo traz para o mundo humano a possibilidade de harmonizar o que está desarmonizado, o que desautoriza a prorrogação no extramundo, mas que o homem, dotado de infinitas habilidades, é capaz de usá-las em favor do outro no aquém, no mundo natural e racional.²⁷

Se a filosofia especulativa visa o homem apenas pelo viés racional, Feuerbach reivindica a supremacia do sentimento como constituição inegável do homem, por isso, a expressão “o sentimento é de natureza divina” (FEUERBACH, 2013, p. 88) tem que ser invertida para: o sentimento é de natureza humana. Logo, mais que expressão religiosa, o sentimento é real e o coração de Deus passa a ser o coração do homem: “O coração é a fonte, o cerne de todo sofrimento. Um ser sem sofrimento é um ser sem coração. O mistério do Deus que sofre é então o mistério do sentimento; um Deus que sofre é Um Deus sensível ou sentimental” (FEUERBACH, 2013, p. 88).

Nesta perspectiva, se manifesta o ateísmo de Feuerbach. Ser ateu em sua filosofia não significa afirmar com todas as letras “Deus não existe”, não se trata disso, o filósofo de Bruckberg não faz proselitismo, campanha para agregar o maior número de ateus pelo mundo. Pelo contrário, seu ateísmo consiste em recuperar a ação humana, demonstrando a essência humana.

O que a religião não consegue enxergar no homem, ou até enxerga, mas hesita em admitir no homem, Feuerbach reconduz. O homem passa a ser a imagem e semelhança de si mesmo, desse modo, desponta o mote de otimismo do autor sobre o homem: se há uma tendência a transferir a verdadeira essência humana para o além, para a especulação, o filósofo de Heidelberg pensa o homem autônomo, portanto, o homem capaz de agir eticamente, sem prescindir de uma força externa que lhe guie as ações, mas que estas sejam mediadas sem interesses distantes, mas que vislumbre interesses imanentes – a comunidade política.

²⁷ Lembrar que: matéria e razão são elementos entrelaçados na filosofia do autor, uma precede a outra. O homem que percebe a existência a partir da matéria é o homem que raciocina e que tem sensibilidade. De modo que Feuerbach sempre defenderá o sofrimento como sentimento humano especial e cabe a filosofia e não a teologia lidar com este sentimento.

A filosofia de Feuerbach indica que é possível viver eticamente sem prender-se há uma força externa, heterônoma, não é preciso que o homem esteja vinculado a divindade a fim de agir moralmente. Logo, agir corretamente desvinculado da divindade é demonstrar a verdadeira essência do homem. Quando ocorre de modo contrário, isto é, quando a ação humana se prende a um dogma estabelecido pela religião, quando se trata de uma norma, uma ordem mediada pelo céu perde seu viés ético. Logo, o homem só será capaz de agir eticamente quando abandonar a necessidade da mediação sugerida pela religião. Assim sendo, o projeto de Feuerbach não admite em hipótese alguma a ética humana vinculada à divindade, mas reivindica uma ética desinteressada, espontânea sem que um tutor venha decidir pelo homem, noutras palavras a filosofia do autor mais que um projeto antirreligioso, é uma proposta de reabilitação do homem integral. Portanto, o homem será livre e, conseqüentemente, agirá de maneira livre quando houver a mudança do paradigma abstrato e especulativo para o político e humano. Tal reivindicação aparece na conclusão de sua obra *Preleções sobre a essência da religião*:

[...] o objetivo de fazer de vós, de amigos de Deus amigo dos homens, de pensadores crentes e rezadores trabalhadores, de candidatos ao além estudantes do aquém, de cristãos (que segundo sua própria confissão, “são meio animal, meio anjo”) homens completos. (FEUERBACH, 2009, 317)

4.1.2 O homem e o dilema da finitude

Considerando que o tema da morte é uma experiência do humano, ela aparece na filosofia de Feuerbach como uma imersão na natureza. O mortal, ao perecer, permanece na natureza, embora de outra forma, pois se decompõe, faz um mergulho na finitude, mas é na natureza que o homem encontra seu viver pleno, uma vez que dela retira seu sustento, conforme abordamos no capítulo anterior. É visível no filósofo alemão a aceitação resignada em relação a morte como demonstração da finitude natural, conforme Feuerbach, “[...] não sou nenhum ser absoluto, [...] tenho minhas limitações na existência de outros seres e que conseqüentemente não sou nenhuma pessoa imortal” (FEUERBACH, 2009, p. 27).

Desse modo, a vida após a morte é uma fantasia, imaginação, embora se saiba que a superação da morte emerge como o desejo humano da perpetuação para além da existência natural. O gênero humano tem um desejo natural, irrestrito pela vida, pois até mesmo quem comete suicídio deseja viver; o suicida deseja livrar-se de uma dor irreparável e, portanto, encara a própria morte como remédio. Portanto, em algumas situações, a crença na imortalidade é um recurso utilizado pelo homem mortal a fim de superar a ideia apavorante da morte enquanto acontecimento inevitável.

O homem é finito, mortal (enquanto corpo, matéria e sensibilidade) não há o que contestar, não há o que fazer diante da morte, a não ser aceita-la, conforme Feuerbach. O homem administra a certeza da morte, não fugindo dela, o que é impossível, mas procurando superá-la, buscando um significado para tal experiência. E, neste aspecto é possível compreender a dependência humana na experiência religiosa, o que ocorre quando o medo da morte, naturalmente, visita o homem. Portanto, a dependência do homem religioso em se tratando da morte, funciona como recurso, na tentativa de administrar o pavor da finitude. O homem de modo geral necessita de um recurso a fim de aplacar a morte, ele necessita de um recurso mais forte, mais poderoso para suplantar a certeza angustiante do definhamento natural. Se no contexto grego, os homens dependiam dos deuses, na experiência religiosa cristã, não é tão diferente.

Contudo, para Feuerbach a finitude natural deve ser aceita, pois que: “A crença na imortalidade do homem é a crença na divindade do homem e, vice-versa, a crença em Deus é a crença na personalidade pura, livre de todas as limitações e exatamente por isso imortal” (FEUERBACH, 2013, p. 181). Ele é o homem resignado que aceita sem perturbações o fim declarado que a natureza lhe confere: “Igualmente sei que sou um ser finito, mortal, que um dia não mais existirei. Mas julgo isso perfeitamente natural e por isso sinto-me inteiramente conciliado com esta ideia” (FEUERBACH, 2009, p. 49).

Feuerbach sugere a inversão na superação ou aceitação da morte. Ele sugere a natureza como forma eficaz de suplantar o terror democrático da morte. Ao homem resta a adoração e devoção pública à natureza enquanto recurso de consentimento da morte. Na natureza o homem encontra remédio para as doenças e desejos desordenados.

[...] o homem é dependente da natureza, que ele deve viver em concórdia com ela, que em seu estágio mais elevado e espiritual não se deve esquecer que ele é filho e um membro da natureza, que deve adorar sempre a natureza, tanto como a base e a fonte de sua saúde espiritual e corporal, porque somente através dela é o homem liberto de todas as exigências e desejos exagerados e doentios, como, por exemplo, o desejo sobrenatural da imortalidade. (FEUERBACH, 2009, p. 51)

O desejo pela imortalidade pregado pelo cristianismo é uma patologia. Segundo o autor, só há vida enquanto houver o fôlego da natureza, sem esta não há vida, não há desenvolvimento, não há história, não há o ser humano, não há existência. Deste modo, Feuerbach acolhe apenas a causa sensível da natureza como fonte de toda a existência, se opondo diretamente a ideia abstrata e ilusória, preconizada pelo discurso religioso quanto ao extramundo. Seu pensamento parte sempre da natureza, daquilo que imediatamente os sentidos conseguem captar numa postura harmoniosa e conformada.

Ainda sobre o dilema da finitude é preciso reafirmar que o homem é totalmente dependente da natureza e não existe uma divindade à espera do mortal noutra dimensão, o que existe é a natureza como realidade para a qual o homem retornará e, retornará enquanto matéria, porque uma vez oriundo da natureza ele morre e permanece nela, ou seja, permanece imerso na natureza, pois não existe a perspectiva da vida no além. Esta imersão na natureza faz o homem torna-se infinito, mas também através da história pelo que produz, seja na cultura, nas ciências, nas artes e quando partilha suas necessidades com outros da sua espécie.

Contudo, Feuerbach reconhece que o medo não é a única motivação religiosa: “Eu seria então excessivamente unilateral, cometeria até mesmo uma injustiça contra a religião, se estabelecesse o medo como a única explicação para a religião” (FEUERBACH, 2009, p. 43), mas no sentido de que a ideia da morte instiga no homem o desejo de existir para além da matéria, de ser perpetuado, pois a ideia de efemeridade e de definhamento são geradoras da angústia. Com este pensamento concorda Brandão:

[...] inconscientemente abomina o mundo, a natureza, porque no mundo, na natureza ele vê a matéria, a destruição, transitoriedade, a morte. Por isso, o seu instinto de ser feliz tem que criar, ainda que somente na fantasia, um outro mundo eterno imaterial uma vez que este daqui não serve, é um vale de lágrimas, dores e sofrimentos. Para este outro mundo transfere até mesmo os seus amores individuais: as pessoas que ele ama que são objeto de sua afetividade, não morrem; um dia ele reencontrará todas no outro mundo. (BRANDÃO, 2013, p. 8).

A filosofia de Feuerbach é geradora de outras relevantes questões: a concepção de infinitude ou de imortalidade do homem integral, apresentada pelo autor responde satisfatoriamente a angústia dos mortais, quando a completude humana que se dá através da razão, da vontade e do coração? Ora, se estes são os possui predicados, constitutivos da essência humana, o que justifica o suicídio e por que o homem permanece buscando no extramundo a sua completude? Neste sentido, o homem realmente é completo? A tríade do homem integral de Feuerbach preenche o vazio do ser humano? Por que o homem se preocupa demasiadamente com a morte, com a finitude? Por que a explicação apenas a partir da natureza, como propõe o pensador, não é suficiente para responder as angústias do homem na atualidade? Diante das pertinentes indagações é necessário dizer que Feuerbach tenta devolver ao homem o sentido para a vida no aquém frente a usurpação da religião e a especulação filosófica de esvaziamento. Sobre o sentido da vida a superação da ideia de extramundo dar-se-á no resgate do amor humano, tema abordado acima, como um projeto político humano e não enquanto experiência fora da comunidade humana. De acordo com Lima Filho,

[...] coube a Feuerbach localizar um fundamento natural e, por isso não especulativo, o qual é identificado após o exame minucioso das capacidades humanas constitutivas

de sua essência: tal é o amor, o maior entre os sentimentos, que corresponde ao restabelecimento de uma base concreta e laica para a experiência comunicativa do humano em conjunto com outros iguais. (LIMA FILHO, 2017, p. 131)

Segundo a filosofia de Feuerbach, se reportar a divindade é se reportar ao homem. Desenvolvendo uma filosofia muito imanente, Feuerbach se dedica ao discurso predominantemente natural, embora lide com a religião para chegar ao homem, portanto a religião é consequência e não a causa do pensamento de Feuerbach (LIMA FILHO, 2017). Sua filosofia tem sempre como objetivo provar que o relacionamento humano é com o humano e não com a divindade, tal atividade estabelecerá o recorrente embate entre religião (diga-se o homem) e a teologia. Seu pensamento não é enciclopédico, (FEUERBBACH, 2013) abordando diferentes temas, embora estude coisas variadas, mas o autor prefere esgotar o tema da religião e a teologia. Seu propósito se reduz a seguinte meta:

[...] pertenço a classe que durante toda a vida tem somente uma meta diante dos olhos e nesta tudo concentra, que aprende a estudar muito e muitas coisas e sempre, mas a ensinar e a escrever somente sobre uma coisa, na convicção de que somente esta unidade é a condição necessária para esgotar algo e introduzi-lo no mundo. Seguindo este ponto de vista, nunca deixarei de lado em minhas obras a relação com a religião e a teologia, sempre tratando variadamente do tema principal de meu pensamento e de minha vida [...]. (FEUERBACH, 2009, p.18)

Desse modo, Feuerbach assume que seu empreendimento se pauta em pensar e dissertar sobre a relação entre religião e a teologia, isto é, pensar o homem, livrando-o do discurso teológico que não dá conta de explicar o sentimento religioso. O sentimento religioso é explicado pela filosofia da sensibilidade, desse modo, Feuerbach dedicar-se-á por muitos anos a especular acerca essência humana na religião. O filósofo assume esta bandeira publicamente; sua meta, seu objeto de estudo passou a ser o homem e a religião, o embate clássico entre antropologia e teologia sem mudar de tema, visando sempre a essência do homem.

Sem poder fugir à regra do que é postulado pela filosofia, de que o ser humano é racional, Feuerbach acentua seu pensamento na categoria da sensibilidade, reafirmando, pois, que o homem não é apenas razão, mas ele é coração, ou seja, é carne, é sangue, é emoção, sentimento, finitude, perecível, é um ser mortal. E é sentimento que faz o homem experimentar do medo, inclusive da morte.

Quando o homem se depara com a realidade dura da finitude, da morte, ele trata de criar meios para superar tal constatação. Logo, o extramundo é uma idealização, um consolo, uma tentativa de estender a vida para além da realidade natural. Há, portanto, uma elaboração de céu, de lugar vindouro, muito desejado para redimensionar ou ressignificar o triste drama da morte e da finitude.

No entanto, Feuerbach não traz um consolo; pelo contrário, estabelece uma realidade muito dura para o homem habituado a recorrer ao sobrenatural para aplacar suas dores. Por isso, sua filosofia é rígida, porém emancipadora em relação à fantasia, e verdadeira diante da afirmação de uma existência a qual não nega os sentimentos.

Segundo o filósofo, “a imortalidade é a conclusão da religião – testamento no qual ela expressa o seu último desejo” (FEURBACH, 2013, p.182). O homem, na sua magnífica racionalidade e sensibilidade, cria um recurso para lidar com a certeza da morte ao postular a vida no além ou simplesmente na abstração, na ilusão. Todavia, o homem cria uma mútua dependência a fim de lidar com a morte e a finitude. O homem faz a existência de Deus depender da dele e a dele, depender da de Deus:

[...] pois o homem faz na religião que o seu ser dependa do ser de Deus, faz ele aqui com que a existência de Deus dependa da sua própria, o que é antes para ele a verdade primitiva, imediata, é para ele aqui uma verdade derivada: se eu não sou eterno, Deus não é Deus, se não existe imortalidade não existe Deus. (FEUERBACH, 2013, p. 183)

A religião requer a existência de Deus a fim de garantir a imortalidade, a perpetuação da vida após a morte. Há uma dependência mútua, de fato: o homem precisa de Deus e vice-versa. O homem religioso, cristão, dá sentido à sua vida ao recorrer a divindade e a divindade passa a existir a partir das manifestações humanas: o louvor, a prece, as homenagens e os ritos que são realizados e perpetuam a existência de Deus. Nota-se uma necessidade humana de superação, uma vez que é pesado, doloroso demais para o homem suportar a existência sem a perspectiva do amanhã. A visão de finitude sem Deus, como pretende Feuerbach, não acalenta o coração do homem religioso uma vez que este está habituado a lidar com a referência da divindade como processo da imortalidade.

Conforme foi dito, Feuerbach não se ocupa da discussão existência ou inexistência da divindade, o pensador não tem a menor pretensão de discorrer acerca deste assunto, este não é seu problema, apenas se apresenta como hermeneuta da religião cristã, verificando qual é o papel da religião no mundo. Para Souza,

[...] não pretende Feuerbach fazer uma investigação e uma crítica apenas histórica do cristianismo, uma simples coleta de dados históricos, bíblicos e dogmáticos, mas uma análise histórico-filosófica [...]. Sua intenção é fazer uma leitura do cristianismo como religião, captar seu sentido e sua significação autêntica em sua totalidade. (SOUZA, 1994, p. 41)

A contribuição do filósofo diz respeito ao homem consigo mesmo e enquanto gênero. A perspectiva do autor consiste em salvaguardar o homem dotado de capacidades relevantes a de conversar consigo mesmo e com o outro de seu gênero, isto é, a capacidade de

interagir estando sozinho ou na coletividade, dada a sua racionalidade e sensibilidade, o que é exclusivo do homem. Portanto, o pensador reivindica a superação da ideia de extramundo ao propor o resgate do humano. É necessário perceber que o lugar de estabelecimento da filosofia é concreto e não a abstração do extramundo postulado pela filosofia e a teologia especulativas. Segundo o autor,

O homem pensa, i.e. ele conversa consigo mesmo. O animal não pode exercer nenhuma função de gênero sem um outro indivíduo fora dele; mas o homem pode exercer a função de gênero do pensar, do falar (porque pensar e falar são legítimas funções de gênero) sem necessidade de um outro. O homem é para si ao mesmo tempo *eu e tu*; ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero, a sua essência, não somente a sua individualidade, é para ele objeto. (FEUERBACH, 2013, p. 35-36)

O que seria uma comunicação com o além, com Deus, é, no fim das contas, um diálogo consigo mesmo. A religião é o modo de pensar do gênero humano, pois, ao se relacionar com a divindade, na realidade o homem está se relacionando com sua própria consciência. Portanto, explicita-se um antropocentrismo em detrimento de um teísmo ao resgatar o homem, colocando-o no centro das discussões. O ponto de partida para pensar a religião é o gênero humano e sua essência.

O pensamento de Feuerbach propõe uma retomada de valorização do homem, salvaguardando um humanismo em oposição ao teísmo ilusório, pois há uma evidente anulação, um sequestro da essência do homem. Trata-se da essência do homem sendo manifestada por ele mesmo, mas usurpada pela religião: “A religião nega [...] o bem como uma qualidade da essência humana: o homem é perverso, corrompido, incapaz do bem, mas em compensação somente Deus é bom, o bom ser”. (FEUERBACH, 2013, p. 57)

Quando o homem vincula sua essência a Deus, torna-se tolhido, anulado, descaracterizado, desumanizado, desnaturalizado. Ao enxergar em Deus a infinitude, a bondade, a certeza, a plenipotência, a realidade, está, no fim das contas, negando sua essência, aquilo que de fato ele é, seus valores e características substanciais, ou se auto-afirmando de modo equivocado, pois, ao citar as qualidades, consideradas divinas, o homem ao mesmo tempo demonstra quem ele é – evidencia sua essência. Diante disso, Feuerbach com sua filosofia fisiológica demonstra aquilo que o homem não é: “[...] estranho a si, [...] entidade abstrata, transcendente e superior” (LIMA FILHO, 2017, p.130). Desta forma a religião termina sendo o espelho do homem: o homem está diante dele mesmo, contudo, deposita em Deus o reflexo de sua própria imagem. Se “Deus é o espelho do homem” (FEURBACH, 2013, p. 89), então a religião acaba por mostrar ao homem (sem a devida pretensão) a sua essência. Revela ao mundo e a si próprio o que ele não é, embora, o homem religioso seja incapaz de perceber tal reflexo.

Anular todas as qualidades é negar a si mesmo, significa, noutras palavras, empobrecer o homem para enriquecer a Deus, Deus rico e o homem sempre pobre. Logo, a relação homem e religião é o relacionamento do homem consigo mesmo, por isso, Deus é o reflexo do homem. Para Feuerbach,

Anular todas as qualidades é o mesmo que anular a própria essência. Um ser sem qualidades é um ser sem objetividade é um ser nulo. Por isso quando o homem retira de Deus todas as qualidades é este Deus para ele apenas um sujeito negativo, nulo. Para o homem realmente religioso não é Deus um ser sem atributos, porque é para ele um ser certo, real. (FEUERBACH, 2013, p. 46)

A filosofia antropológica de Feuerbach propõe que o homem retire todas as qualidades atribuídas à divindade, desta maneira há um esvaziado da divindade e recondução do homem a si mesmo. Agindo assim, de fato, o homem se volta para si próprio. Tal exercício pode ser comparado com a seguinte situação: os torcedores veneram um jogador de futebol exatamente por colocar nele as seguintes características: habilidade, destreza, fama, honra, apoteose, divinização, riqueza, etc, mas ao retirar tais predicados este jogador fica anulado, sem adjetivos, e sem valor, de modo que não será mais referência para seus admiradores.

Feuerbach encara a religião recuperando o que há de valioso nela: a essência humana. Este é o pressuposto religioso fundamental para se entender o homem na sua individualidade e enquanto gênero, assim como a própria natureza. Se, por um lado, a religião nega, ofusca, transmuda, usurpa a essência do homem para o mundo sobrenatural, Feuerbach potencializa-o, consolida-o na sua essência: “Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor” (FEUERBACH, 2013, p. 36).

O processo de projeção do homem em Deus, que é o processo de negação de si, demonstra plenamente as suas carências e fragilidades e ao mesmo tempo as suas potencialidades. São fraquezas e carências quando exteriorizadas, transferidas, mas potencialidades à medida que a força buscada na divindade já se encontra no homem. Conforme Oliveira,

Este processo de projeção tem como consequência a miséria do homem: o homem, com esta projeção, no fundo, afirma em Deus o que nega em si. A ideia de Deus é, deste modo, um indício claro da alienação do homem. A tarefa da filosofia consiste então em dar ao homem consciência de si, em descobrir, que toda a teologia é uma antropologia inconsciente de si. Trata-se de reduzir a essência sobre-humana e racional de Deus, fruto de projeção, à essência natural e imanente do homem. O resultado deste processo é que o homem se torna o único Deus para o homem. (OLIVEIRA, 1989, 20-21)

Coube a Feuerbach como filósofo a incumbência de devolver ao homem a consciência de si e isso se deu a partir do recurso da sensibilidade, assim compreendido, capaz de lidar com o que existe de mais relevante no homem: a sua essência. Cabe, segundo o autor, a filosofia e não a teologia a recondução da essência imanente e natural do homem. Apresentou-se, pois, nesta dissertação a filosofia imanente de Feuerbach como:

[...] um pensador preocupado e imerso nas questões de seu tempo, interessado em restituir ao homem o seu céu terreno, de recolocá-lo na comunidade política para torna-lo feliz na convivência com os outros homens, de resgatar a importância do amor como amálgama de suas relações intersubjetivas. (LIMA FILHO, 2017, p. 130)

O conjunto da dissertação nos levou à compreensão de que a filosofia de Feuerbach mais do que uma postura antirreligiosa, comumente atribuída ao autor, investiga diferentes temas que dizem respeito, especificamente, ao homem como por exemplo: a natureza, a política, a ética, antropologia e o conhecimento. O autor dá margem para este cabedal de discussões muito relevantes ao homem contemporâneo, sobretudo quando pensamos na banalização da vida humana. Há no homem valores e um potencial ofuscados pela religião e pela filosofia especulativa, o que tem impossibilitado o alcance do verdadeiro conhecimento da essência humana.

5 CONCLUSÃO

A filosofia antropológica, genética e fisiológica de Feuerbach se caracterizou como necessidade de resgate do homem frente à filosofia especulativa do Idealismo alemão e a alienação religiosa que são experiências de esvaziamento da condição natural. Mas, também tal posicionamento gerou algumas indagações, conforme se verá adiante.

A filosofia do autor parte da natureza e se encaminha para um verdadeiro processo de recondução do homem. Noutras palavras, Feuerbach reelaborou o reconhecimento e o resgate da comunidade humana política, através da inversão dos papéis: o que era predicação divina passa a ser predicação humana, o que antes era ocupado somente pela religião, agora será ocupado pela ética e pela política.

O pensamento de Feuerbach contribuiu para elucidar as capacidades do homem. Aquilo que a religião nega ou transfere para Deus, o filósofo traz de volta e transforma a condição, aparentemente precária, miserável (segundo a religião), do homem, como potencialidade. Para Feuerbach não há, no homem, pobreza, mas riquezas em potencial. Porém, paradoxalmente, se a religião inferioriza o homem, quando transfere suas qualidades para Deus, ao mesmo tempo, torna-se, a religião, reveladora das qualidades da natureza humana. Portanto, a natureza humana é boa, forte, onipotente, logo rica de muitos predicados. Então, se a pretensão da religião cristã é deslocar os predicativos de carne e osso para a divindade, Feuerbach os reivindica para o homem com exclusividade. Assim sendo, a religião não esvazia o homem, pelo contrário, evidencia com propriedade suas qualidades, ainda que de modo equivocado, no entanto, coube a Feuerbach demonstrar isso com muita perspicácia.

Outra contribuição relevante quanto aos escritos de Feuerbach, diz respeito à literatura bíblica. O autor como conhecedor das Escrituras, por ter sido luterano, sabe, antes de tudo, que na literatura bíblica há exegese e hermenêutica e que uma leitura fundamentalista e míope dos textos levará a compreensões absurdas, torpes e, evidentemente, antagônicas à realidade. Cada passagem representa uma teologia, elabora um sentido e tenta dar uma resposta a um problema em determinado tempo a um determinado grupo social, assim como a nova filosofia proposta pelo autor quanto ao resgate da essência humana. Além disso, os textos bíblicos são de diferentes épocas e de diferentes escritores os quais redigiram nas mais distintas línguas. Conceber a bíblia, tal como foi escrita, sem recorrer a devida exegese e interpretação configura um descompasso descomunal, pois a este tipo de escrito não se aplicam os critérios da ciência empírica.

Ademais, Feuerbach com seu humanismo de separação (homem e discurso teológico) e não de conciliação, pensou o homem natural, sem considerar muito as suas imperfeições, embora as reconheça, e, conseqüentemente, não aponta caminhos de regeneração para o homem, pois em sua filosofia o gênero humano é plenipotente.

O processo de recondução do homem, característica da visão otimista do autor, gera as indagações anunciadas: se o homem descrito pelo filósofo é possuidor de todas estas qualidades, por ser um homem completo e integral, o que explica o surgimento das guerras, das disputas, dos assassinatos e outras atrocidades causadas por este homem íntegro em contraponto com a perspectiva religiosa?

Por que o conceito de homem enquanto razão, vontade e sensibilidade, defendido pelo filósofo, não preenche o vazio existencial do homem? Onde está o homem, está a religião, ou seja, onde está o homem está a consciência finita e infinita. Mas como lidar com esta consciência emancipada em relação à teologia, pensando, por exemplo, no homem contemporâneo no século XXI, sobretudo quando se depara com as questões da finitude? A natureza apontada por Feuerbach como pressuposto fundamental da existência, dá conta de administrar as angústias humanas?

Os estoicos postularam que a busca pelo conhecimento, a investigação da natureza traria felicidade ao homem e Feuerbach vê na natureza uma resposta para dá sentido à vida, ao postular o amor humano como fundamento para tal feito. É possível que os estoicos tenham dado uma resposta para a humanidade quanto à *ataraxia* na Antiguidade, contudo, é notório, de igual modo, que o homem contemporâneo, diferentemente, não encontrou tal bem-estar e sentido para a existência tendo apenas a natureza como referência.

Quanto a polarização entre natureza e religião como, por exemplo, uma sendo negadora da outra, emergem, então, realidades incompatíveis. Ao considerar como real apenas a natureza, a religião se torna obsoleta, sem sentido, sem significado, torna-se fantasia e alienação. Através da natureza se explica o mundo compreendido pelas leis do universo, por sua vez, a religião é negada, pois nela não existe predicativo plausível que justifique a origem da natureza e do homem. Para Feuerbach, o necessitarismo da divindade não se sustenta, isto é, não lhe é imprescindível uma causa chamada divindade. Logo, seu posicionamento materialista, sensorial não admite existência alguma derivada da divindade, pois natureza e religião são categorias inconciliáveis. Assim sendo, é mais adequado dizer, de acordo com Rodrigues, que Feuerbach não faz oposição à religião, mas ao discurso teológico: “Feuerbach é inimigo da teologia, visto que ela promove a alienação humana, pois de maneira planejada e

deliberada busca anular a essência antropológica da religião, afirmando que Deus é um ser-por-si, independente do homem” (RODRIGUES, 2009, p. 162).

Neste sentido, a contribuição do pensamento de Feuerbach se refere, ao mesmo tempo, à valorização da natureza em si e da natureza do homem. O autor antecipa problemas de ordem ecológica e a postura do homem frente aos cuidados com a vida futura concreta da existência. A natureza, indubitavelmente, é o fundamento causal do homem e de todas as coisas.

A filosofia do autor tem como fio condutor o materialismo pujante, o que possibilitou também a retomada de uma velha discussão no que se refere a origem da natureza. A crítica ao esvaziamento do homem em relação à filosofia e a teologia especulativas, nos faz compreender a sensibilidade humana e a filosofia fisiológica, portanto, materialista, sustentada nas sensações. Só é possível perceber a natureza a partir dos sentidos os quais gerarão um raciocínio. A natureza só pode ser pensada depois de tocada, sentida, vista. Por isso se postula que o pensamento vem do ser e não o contrário.

Enquanto a religião, pela fé, aponta Deus como causa da existência, pondo a natureza como causa segunda, mas dependente da primeira, Feuerbach elabora a filosofia genética da natureza, afirmando que tudo parte desta mãe geradora. Logo, embora criticando o vazio da filosofia e da teologia de seu tempo, o filósofo alemão se ocupa em inverter a lógica da explicação religiosa: se no cristianismo concebe-se Deus, natureza e o homem, na lupa de Feuerbach tal lógica se dá na seguinte ordem: natureza e homem. Noutras palavras, Feuerbach apresenta a natureza como ponto de partida do raciocinar humano, portanto, antes da natureza não há uma preexistência, mas tudo começa na natureza a qual advém da pulsão de existir, espontaneamente.

O conhecimento que o homem possui acerca da natureza e de si, como é postulado pela fisiologia feuerbachiana, é alcançado pela razão e pela sensibilidade, mas não se pode estabelecer a filosofia ou a ciência como a uma fonte absoluta do conhecimento. Se o homem projeta em Deus a sua essência, logo se vê que sua essência é real, é sensível e concreta. Se o homem adora a si mesmo e não a divindade, ele, de igual modo, cultua o que é real, tal como o objeto de adoração das religiões pagãs que adoram a natureza; homem e natureza são verdadeiros, concretos. A filosofia de Feuerbach permite compreender que tanto pelo viés religioso como pelo viés unicamente da sensibilidade, o homem tem o seu apogeu, embora o caminho filosófico da sensibilidade seja mais plausível, pois está livre de superstições.

No discurso de Feuerbach todos os predicados divinos são humanos. O pensador usa o recurso do espelho ao afirmar que o reflexo da imagem não reflete o divino, mas o humano: O homem é o Deus do próprio homem, aliás, o homem já é este Deus espelhado,

adorado. (FEUERBACH, 2013). Desse modo, Feuerbach desenvolve um otimismo relevante, pela essência humana, a partir de seus adjetivos, pois se reconhece que é o homem que dá forma ao mundo e que constitui a comunidade concreta fundamentada no amor. Noutras palavras, Feuerbach demonstra aquilo que o homem não é e o que ele é de fato.

O humanismo de Feuerbach, como resgate do homem, se apresenta de modo mais direcionado em relação ao do Renascimento, pois que o homem é colocado no centro das discussões e há, portanto, um banimento do que é divino enquanto condição desnecessária para a existência. Tal prerrogativa faz pensar que para além da religião o homem, cuja vida está banalizada, precisa ser estudado pela filosofia. Assim, Feuerbach propõe o deslocamento do foco da comunidade espiritual para a comunidade humana em primeiro lugar.

Na contemporaneidade há, por exemplo, discussão acerca da biotecnologia, da possibilidade de vida noutros planetas, estuda-se a astrofísica, fotografa-se o buraco negro, examina-se a vida marinha, a linguagem, estuda-se a política, no entanto, verifica-se a necessidade de se pensar mais na espécie humana ameaçada pela violência. Pensar o homem é o exercício filosófico mais útil, todavia, é o menos avançado. O homem, imprescindivelmente, investe pouco no conhecimento de si.

Além do exposto quanto à colaboração de Feuerbach em pensar o homem como centro de todas as valorizações possíveis, refutando o excesso de valorização à divindade e o extramundo feito pela religião cristã, objeto de sua crítica, ao elaborar uma filosofia da *práxis*, há outra contribuição igualmente relevante: o pensamento na perspectiva da religião, se faz pertinente à medida que a religião que não tem a sua crítica interna e que não pensa o homem nas questões vitais, sociais e naturais torna-se, filosoficamente, insustentável.

Ademais, é importante perceber que diante do choque das culturas, das novas descobertas científicas e do pluralismo religioso emergente, não se pode prescindir que somente o discurso racional, desassociado do sentimento, tenha a resposta para todas as questões humanas, preocupação recorrente de Feuerbach. Então, o autor não tem a pretensão de absolutizar seu pensamento, de impô-lo, mas apenas o apresenta como método de reflexão sobre a religião, a natureza e o homem, pelo contrário, ele aponta outra via que possibilita tal conhecimento ao propor uma nova filosofia a qual visa recuperar o discurso sensível. Ele salvaguarda o homem, mas sem estabelecer a sua filosofia genético-fisiológica como parâmetro que dá resposta a todas as indagações humanas acerca da existência. Mais que um projeto antirreligioso, a filosofia de Feuerbach emerge como uma reabilitação do homem. Diz Oliveira:

[...] o pensamento pós-moderno se entende como um processo de libertação do uno, do imutável e do eterno para a diferença, para a pluralidade, para a mudança, para o contingente e o histórico. Nem o discurso científico nem muito menos o filosófico, podem mais funcionar como discursos de legitimação. A ciência, simplesmente joga seu próprio jogo e de nenhuma forma pode legitimar outros jogos. Com a dissolução das metanarrativas, resta o recurso a pequenas narrativas, sem pretensões a uma legitimação última do saber. (OLIVEIRA, 2018, p. 65)

De maneira semelhante concorda Brustolin ao afirmar:

Hoje há uma crítica profunda ao cientificismo entendido como a pretensão de considerar as ciências a única forma legítima de saber. No contexto da mentalidade pós-moderna, vai se insistir no caráter reducionista desta postura, que põe de lado as outras dimensões fundamentais da vida humana, como a estética e a mística. (BRUSTOLIN et al, 2018, p.53)

Diante do exposto nessa dissertação, apreende-se com a filosofia genético-fisiológica de Feuerbach que: a) estudar a religião é investigar a essência humana; b) o homem, de modo algum deve negar a natureza, pois na hipótese de não admiti-la, negará sua própria sobrevivência e c) da necessidade de agregar a razão e a sensibilidade como recursos fundamentais para lidar com a essência humana.

Portanto, a filosofia deste pensador faz compreender que existem dois paradigmas: o homem cristão acredita em Deus e, por assim dizer, acredita em si mesmo e Feuerbach acredita diretamente no homem com seu potencial gigantesco de sensibilidade a fim de perscrutar a natureza.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **O que é religião**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Vinzenzo Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ARMSTRONG, K. **Uma história de Deus**: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. Tradução Marcos Santaritta. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BÍBLIA: Bíblia do peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRANDÃO, J.S. Apresentação do tradutor. In: FEUERBACH, L. **A Essência do Cristianismo**. Trad. Bras. José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BRUSTOLIN, L.; FONTANA, L. **Cultura urbana**: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades. São Paulo: Paulus, 2018.
- CARDONA, J.A. **Filosofia helenística**: estoicos, epicuristas, cínicos e cétricos. Tradução de Filipa Velosa. São Paulo: Editora Salvat do Brasil Ltda, 2015.
- CHAGAS, E. F. *et al.* A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. **Philosophos**, Goiânia, v.15 n.2, p.57-82, jul/dez.2017.
- _____. *et al.* **Homem e natureza em Ludwig Feuerbach**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- _____. A religião em Feuerbach: Deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. **Revista Dialectus**, Fortaleza, Ano 2, n.4, p.78-91, jan/jun. 2004.
- _____; DE OLINDA, M. B. **O homem como imagem de Deus ou Deus como imagem do homem. Formação humana**: liberdade e historicidade. Fortaleza: Edições UFC 2004.
- _____. **A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach**. Goiânia, 2011.
- _____. **Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx**. Campinas: Editora Phi, 2016.
- _____; REDYSON, D. **Ludwig Feuerbach**: filosofia, religião e natureza. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2011.
- _____. A natureza como negação da imortalidade da alma no jovem Feuerbach. **Princípios**. Natal, v. 16, n. 26, p. 35-51, jul/dez, dez. 2009.
- _____. A vontade é livre? Natureza e ética em Ludwig Feuerbach. **Revista Dialectus**. Fortaleza, Ano 2, n. 6, p. 1-34, jan/ago. 2015.
- COMTE-SPONVILLE, A. **O espírito do ateísmo**: introdução a uma espiritualidade sem Deus. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Preleções sobre a essência da religião**. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Necessidade de uma reforma da filosofia**. In: princípios da filosofia do futuro. Tradução Artur Morão. Lisboa-Portugal: Edições 70 Lda, 1988.

_____. **Princípios da filosofia do futuro e outros escritos**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

FRANCISCO. **Louvado sejas (Laudato si). Carta encíclica sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulus, 2015.

GALLO, S. **Filosofia: experiência do pensamento**. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2014.

KURY, M. da G. **Diôgenes Laértios. Vida e doutrina dos filósofos ilustres**. 2. ed. Brasília: Editora Unb, 2008.

LEÃO XIII. **Das coisas novas (Rerum novarum). Carta encíclica sobre a condição dos operários**. Tradução de Manoel Alves da Silva, São Paulo: Paulinas, 1997.

LIMA FILHO. Ontologia e conhecimentos nos Princípios da filosofia do futuro de Ludwig Feuerbach. **Philosophos**, Goiânia, v.22, n.2, p.153-185, jul/dez. 2017.

_____. **Antropologia, ética e política em “A essência do cristianismo” de Ludwig Feuerbach**. Fortaleza, 2017. 147f. Tese (Doutorado em Filosofia) Universidade Federal do Ceará, 2017.

MARTINS, F. A. A Gênese Antropológica da Religião em Ludwig Feuerbach. **Rev. Inquietude**, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 9-27, jul/dez. 2013.

MCBRIEN, R. P. **Os Papas, os pontífices: de São Pedro a João Paulo II**. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

OLIVEIRA, M. A. **Filosofia transcendental e religião: ensaio sobre a filosofia da religião de Karl Rahner**. São Paulo: Escala, 1989.

PEREIRA MARTINS, L. A. Pasteur e a geração espontânea: uma história equivocada. **Filosofia e História da Biologia**, v.4, p.65-100, 2009.

PAULA, M. G. Humano, demasiado humano: autonomia e a responsabilidade segundo Feuerbach. **Filosofia Unisinos**. p. 135-145, mai/jun. 2008.

PLATÃO. **Fédon**. Tradução de Jorge Paleika e João da Cruz Costa. Porto Alegre: Editora Globo S. A, 1972.

REALE, G. **Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. Tradução José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2017.

RODRIGUES, A. M. Religião, teologia e antropologia: confronto entre Karl Barth e Ludwig Feuerbach. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 156-169, jun. 2009.

ROUSSEAU, J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. Lourdes Santos Machado, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SCHÜTZ, R. **Religião e capitalismo: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SERRÃO, A. V. **Feuerbach e a apoteose da vida**. In: CHAGAS, E. F.; DEYVE, R.; PAULA, M. G. (org.) **Homem e natureza em Ludwig Feuerbach**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. **A humanidade da razão**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SILVA, C. P. da. **Estudos bíblicos**. São Paulo: DCL, 2010.

SOUZA, D. G. **O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

ZILLES, U. **Filosofia da religião**. São Paulo: Paulus, 1991.